

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

Papel dos Jesuítas na Assinatura do Tratado de Nerchinsk (1689)

Yan Yuhang

Mestrado em História Moderna e Contemporânea

Orientador:

Doutor Luís Miguel Nunes Carolino, Professor Associado com Agregação,

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro de 2022



SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de História

Papel dos Jesuítas na Assinatura do Tratado de Nerchinsk (1689)

Yan Yuhang

Mestrado em História Moderna e Contemporânea

Orientador:

Doutor Luís Miguel Nunes Carolino, Professor Associado com Agregação,

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro de 2022

*Este trabalho é dedicado a você, familiar, professor, ou amigo  
que contribuiu muito na minha caminhada.*



## **Agradecimento**

Gostaria de agradecer ao Professor Luís Miguel Carolino, pela orientação profissional e paciência.

Agradeço ao Iscte-espp, pelos apoios que eles me deram - a uma aluna internacional durante estes dois anos.

Agradeço aos meus familiares, salientando meus pais, por apoiar sempre todas as minhas decisões.

Por fim, gostaria de agradecer a todos aqueles que me acompanham quando eu estudava em Lisboa.



## **Resumo**

Os missionários jesuítas desempenharam um papel muito importante na China moderna, especialmente no que diz respeito às relações sino-estrangeiras modernas, sendo um veículo importante para a compreensão das relações externas da China moderna. Contudo, por várias razões, as particularidades deste grupo de jesuítas e o seu papel nas relações sino-estrangeiras durante um período de quinhentos anos não receberam atenção suficiente por parte dos estudiosos. Durante demasiado tempo, os jesuítas foram vistos como agentes da agressão imperialista moderna na China. Este trabalho propõe com uma perspetiva muito diferente e analisa mais profundamente o papel activo dos jesuítas na assinatura do Tratado de Nerchinsk em 1689 e o seu significado histórico à luz deste tratado. Analisa-se, em particular, a participação dos jesuítas liderados por Tomás Pereira ao longo de todo o processo.

Palavras-chave:

Tratado de Nerchinsk, Tomás Pereira, jesuítas, relação diplomática, significado histórico



## **Abstract**

The Jesuit missionaries played a very important role in modern China, especially in Modern Sino-foreign relations. Their agency is of paramount importance for understanding the Modern China's foreign relations. However, for various reasons, the specificity of this group of Jesuits and their role in Sino-foreign relations over a period of five hundred years has not received sufficient attention from scholars. For a long time, the Jesuits have been depicted as the agents of modern imperialist aggression in China. This work follows very different perspective and further analyzes the active role of the Jesuits in the signing of the Treaty of Nerchinsk in 1689 and its historical meaning. It analyses, in particular, the participation of the Jesuits led by Thomas Pereira throughout the process.

Keywords:

Treaty of Nerchinsk, Thomas Pereira, Jesuits, diplomatic relationship, historical significance



# Índice

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	1
Capítulo 1. Relação diplomática entre a Rússia e a China antes de 1689	5
Capítulo 2. Papel dos jesuítas nas relações diplomáticas entre a Rússia e a China	13
2.1 Conceito e características dos jesuítas	13
2.2 Contexto da chegada dos jesuítas à China	16
2.3 Como os jesuítas entraram na diplomacia sino-russa	19
Capítulo 3. Tomás Pereira e Tratado de Nerchinsk	23
3.1 Biografia de Tomás Pereira	23
3.1.1 Um missionário fiel	23
3.1.2 Um músico excelente	25
3.2 Papel de Tomás Pereira na assinatura do Tratado de Nerchinsk	27
3.2.1 Para reforçar a confiança do lado chinês nas negociações	32
3.2.2 Actuar como conselheiro do lado chinês de direito internacional	32
3.3 Participação de Tomás Pereira nas negociações de Nerchinsk e o conhecimento da China por parte da Rússia	33
3.4 Impacto da participação de Tomás Pereira nas negociações de Nerchinsk	34
Capítulo 4. Desenvolvimento das relações sino-russas após 1689	37
4.1 Padrão das relações sino-russas após 1689	37
4.2 Crise renovada nas relações sino-russas e as medidas diplomáticas	40
4.3 Resumo da actividade diplomática dos dois países de 1689-1727	43

4.3.1 A delimitação da Fronteira Central Sino-Russa	43
4.3.2 As relações comerciais entre os dois países foram restabelecidas	44
4.3.3 A normalização e regularização gradual das relações diplomáticas russo-chinesas	45
Capítulo 5. Imagem histórica de Tomás Pereira - pós-negociação	47
Capítulo 6. Significado histórico da assinatura do Tratado de Nerchinsk	53
6.1 Levar o mundo a uma era de globalização	53
6.2 Impactos sobre a idéia de soberania nacional para ambos os países	54
6.3 Carácter significado do tratado em termos de direito internacional moderno	57
6.4 Significado prático para a China e a Rússia	60
Conclusões	63
Referências Bibliográficas	65

## **Introdução**

A religião tem desempenhado um papel enorme na sociedade humana, especialmente nas relações internacionais. Durante uma época na Europa Ocidental medieval, as autoridades religiosas tiveram mesmo o papel de árbitro nas relações internacionais. Com a expansão do capitalismo europeu no estrangeiro, as Reformas religiosas e as descobertas geográficas, os jesuítas também trouxeram esta influência para o resto do mundo, como se pode exemplificar pelas relações entre a China e os países da Europa Ocidental. No início do século XVII, os primeiros contactos directos entre a Rússia e a China foram envoltos em algumas incompreensões e mal-entendidos. Nessas ocasiões, os embaixadores russos na China não raramente regressaram ao seu país sem sucesso, não só devido às diferenças culturais e nacionais entre as duas partes, mas também devido à barreira linguística. Um bom exemplo consistiu no Tratado de Nerchinsk, assinado em 1689. Foi neste contexto, que os jesuítas Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon, contribuíram, como membros da equipa de negociação chinesa no Tratado de Nerchinsk, para o entendimento mútuo entre a Rússia e a China e para as negociações que levaram à resolução pacífica da questão fronteiriça que ambos os lados disputavam. Por essa razão, Tomás Pereira constitui uma figura importante na história das primeiras relações sino-rusas.

O Tratado de Nerchinsk foi o primeiro tratado internacional de significado moderno entre a China e um país estrangeiro. Mais importante ainda, foi também o primeiro tratado internacional assinado entre a China e um país estrangeiro assente num estatuto de igualdade. Para tal foi fundamental o papel desempenhado pelos jesuítas. É, portanto, necessário investigar as actividades dos jesuítas na história a fim de compreender melhor o seu impacto na política interna dos países e nas relações internacionais de hoje. O papel desempenhado pelos jesuítas no Tratado de Nerchinsk em 1689 fornece um excelente caso para esta investigação.

Durante mais de trezentos anos, estudiosos de todo o mundo e, em particular, chineses e russos, representando os dois signatários do tratado, estudaram detalhadamente as condições que levaram à assinatura do Tratado Sino-Russo de Nerchinsk, seu conteúdo e impacto. A maioria desses estudos teve como tema principal a demarcação da fronteira sino-russa, dedicando também alguma atenção ao papel dos jesuítas nas negociações deste tratado. Exemplos incluem obras como *First Russian-Chinese Treaty of 1689*, *The history of Russian-Chinese relations under Peter the Great*, *Jesuit Tomás Pereira's diary on the Sino-Russian Nerchinsk negotiations*, etc.<sup>1</sup>

O principal objectivo do meu trabalho é fazer um novo exame, mais completo e abrangente, do papel desempenhado pelos jesuítas na assinatura do Tratado de Nerchinsk. Assim, pretendo, em particular:

- apresentar os antecedentes históricos das relações diplomáticas entre a Rússia e a China antes de 1689, principalmente o Tratado de Nerchinsk;
- analisar as características centrais dos jesuítas e a forma como eles entraram na China e se envolveram nas relações diplomáticas russo-chinesas;
- investigar os detalhes, em particular as actividades do jesuíta português Tomás Pereira, na assinatura do Tratado de Nerchinsk;
- resumir a evolução das relações entre a Rússia e a China após a assinatura do Tratado de Nerchinsk (1689);
- discutir a imagem histórica de Tomás Pereira após as negociações;
- analisar o significado histórico do Tratado de Nerchinsk e as opiniões de estudiosos chineses e estrangeiros sobre este tema.

A metodologia adoptada baseia-se, por um lado, na pesquisa bibliográfica de várias fontes a fim de recolher a informação necessária para o enquadramento teórico do tema em estudo. O diário de Tomás Pereira desempenhou um papel importante neste processo, sendo

---

<sup>1</sup> YAKOVLEVA, P.T. *First Russian-Chinese Treaty of 1689*. Moscow: USSR AS, 1958.  
G. Cahen. *The history of Russian-Chinese relations under Peter the Great*, translated by Jiang Zaihua, Zheng Yongtai, The Commercial Press, 1980.  
Joseph Sebes, *Jesuit Tomás Pereira's diary on the Sino-Russian Nerchinsk negotiations* [M], Translated by Wang Liren, Beijing: Commercial Library, 1973.

fundamental para o avanço do trabalho. Por outro lado, analisei as opiniões e análises dos historiadores de todo o mundo, particularmente da China, sobre este tratado histórico.

O presente trabalho é constituído por seis capítulos. O primeiro capítulo descreve o surto do problema fronteiriço entre a Rússia e a China, bem como o processo detalhado da Guerra de Yaksa e os preparativos para as negociações de Nerchinsk. O segundo capítulo discute o conteúdo relacionado com os jesuítas: o conceito e características dos jesuítas e os antecedentes da sua chegada à China, como os jesuítas entraram na esfera diplomática da Rússia e da China e o seu papel nas negociações da fronteira sino-russa. O terceiro capítulo introduz a importante figura de Tomás Pereira: o seu perfil, a sua participação nas negociações e o seu papel na assinatura do Tratado de Nerchinsk, bem como o impacto da sua participação nas negociações de Nerchinsk. O quarto capítulo analisa o desenvolvimento das relações russo-chinesas após o tratado em duas fases: uma é entre 1689 e 1727 e a outra é após 1840. O quinto capítulo resume a imagem de Tomás Pereira após as negociações e fornece respostas a algumas controvérsias. No sexto capítulo sintetiza-se o significado histórico da assinatura do Tratado de Nerchinsk, tanto para os países mais diretamente envolvidos como para o mundo em geral.



## Relação diplomática entre a Rússia e a China antes de 1689

A Rússia era originalmente um país tradicionalmente europeu que emergiu de uma confederação de tribos eslavas que se estabeleceu e consolidou o seu poder na região de Kiev por volta do século IX. Mais tarde, esta região foi ocupada e governada pelos Mongóis, em meados do século XIII, dando origem ao Principado de Moscovo perto de Moscovo por volta do século XIV. No século XV, com Ivan III e Ivan IV, este Principado iniciou um movimento de expansão territorial, que o levaria a encontrar o poderoso Império Chinês em meados do século XVII. A Rússia tornou-se então o vizinho do norte da China e os dois países começaram a fazer fronteira e a ter relações.<sup>2</sup>

De um modo geral, quando nos referimos aos contactos iniciais entre a Rússia e a China, deveremos mencionar, também, a Mongólia. De facto, a Mongólia inicialmente teve um papel muito importante na mediação dos contactos entre o império russo e o império chinês. Antes de entrarem em contacto direto, nomeadamente na região de Heilongjiang, estes dois impérios contactaram indiretamente através da Mongólia. K. Bass, professor de história na Universidade de Stanford, observa que “durante o domínio da Mongólia, os russos estabeleceram contacto estreito com a China e o povo chinês”.<sup>3</sup> Ainda assim, apesar dos muitos conflitos internos na Mongólia, os mongóis continuaram a invadir a fronteira norte da China e a fronteira sudeste da Rússia. As rivalidades entre os diversos territórios mongóis e khans, bem como a sua invasão regular das fronteiras da Rússia e da China, impediram o contato entre russos e chineses. Por isso, o contato direto entre eles não ocorreu até o início do século XVII.

Por além dos povos Buryats, Kyrgyzs e Tungus, os russos encontraram mongóis de Khalkha e Olot. Através deles, os russos aprenderam que a Este do território frequentado por essas tribos nómades e seminómadas havia um império grande e sólido com uma cultura altamente desenvolvida. A presença desse grande império a Oriente colocava um sério impedimento à expansão para leste dos russos. A familiaridade dos mongóis com o Império chinês facilitou de certo modo os contactos dos russos com esse poderoso império. Os

---

<sup>2</sup> Uma história da Rússia, pode encontra-se em Gregory L. Freeze, *História da Rússia*, Lisboa, Edições 70, 2017.

<sup>3</sup> Claude A. Buss: *The Far East*, New York, 1955, p. 98.

mongóis tornaram-se, então, uma ponte através da qual se estabeleceram os primeiros contatos entre a Rússia e a China. Na primeira metade do século XVII, a Rússia enviou sucessivamente embaixadas à Mongólia. Os príncipes mongóis foram sempre obedientes aos enviados do czar, prometendo ajudar o czar contra os seus inimigos, comprometendo-se, ainda, a pagar tributo. Mas de vez em quando os mongóis também tentaram invadir o território russo, ameaçando os seus vassallos e as suas várias fortalezas. Tal acontecia também nas relações entre a China e a Mongólia. Embora prometendo fidelidade ao Principado de Moscovo, esses khans mongóis eram às vezes aliados de Pequim, outras vezes seus inimigos.

Quando começaram os contatos diretos entre os russos e o império chinês? Esta é uma questão controversa. De acordo com as fontes históricas que foram descobertas, houve um contato entre os dois países nos anos 1730 e 1740 na área fronteiriça de Heilongjiang. Portanto, no sentido mais estrito, as relações russo-chinesas devem ter começado nas décadas de 1730 e 1740. A história das relações entre os dois países desde esta data até ao final do século pode ser resumida em três fases principais. Em primeiro lugar, deu-se a invasão do vale do Heilongjiang da China pela Rússia czarista e a resistência de soldados e civis chineses. Em segundo lugar, ocorreram as duas Guerras de Yaksa. Por fim, as negociações de Nerchinsk e a assinatura do Tratado de Nerchinsk terminaram esta época de confrontações entre os dois impérios.

No século XVII, o comércio da Rússia com o Ocidente e os países de Leste começou a desenvolver-se de forma progressiva, como resultado do desenvolvimento da produtividade e da evolução dos mercados regionais. Nessa época, o comércio da Rússia com o Oriente foi conduzido principalmente através da Pérsia, Khiva e Bukhara. O desenvolvimento do comércio externo enriqueceu grandemente o intercâmbio de bens e a prosperidade dos mercados internos da Rússia. Contudo, quando comparado com o comércio estabelecido entre a Rússia e os países do Ocidente europeu, conclui-se que o comércio da Rússia com o Oriente era mais fraco e deficitário. A maioria do comércio com a China na altura era meramente de transbordo. Ainda assim, o governo czarista parecia ter consciência que a China representava o futuro do seu comércio com o Oriente. As fronteiras da Rússia e da China estavam ligadas e eram facilmente acessíveis por terra. Além disso, na opinião da Rússia, a China era um produtor de ouro, prata e tecido valioso. A Sibéria era rica em peles, que podiam ser trocadas pelas mercadorias chinesas com um bom lucro. Além disso, a Rússia precisava de ouro e prata chineses devido às reformas administrativas, à expansão das suas instituições e às guerras sucessivas no Ocidente. Os russos acreditavam, por isso, que se os governos russo e chinês conseguissem chegar a um acordo de comércio entre os dois países, tal iria trazer benefícios

consideráveis à Rússia.

Essa era, contudo, uma época de conflitos políticos. Na primeira metade do século XVII, os povos nômadas da fronteira nordeste levantaram-se contra a agressão e expansão cossaca. Em meados do século XVII, a Rússia expandiu gradualmente as suas fronteiras para além dos Montes Urais na direção da Sibéria, aproximando perigosamente do território da China. Os territórios tradicionais da monarquia feudal chinesa estavam definitivamente em causa. Os povos nômades que haviam vivido por muitos anos nas regiões fronteiriças da China estavam divididos. Enquanto alguns sucumbiram ao domínio russo, outros tornaram-se a vanguarda da resistência à Rússia.

Em 1618 e 1619, o governador de Tobolsk, o príncipe Ivan Simonovich Kuragin, enviou Ivan Petlin e Andrushko Mondorf à China. O objetivo da Rússia nas suas relações com a China era o comércio regulado pelo Estado. A China, por outro lado, tratava as suas relações com esses “bárbaros do norte” do ponto de vista oposto - a sua preocupação não era com o comércio, que era um assunto privado, mas com a subordinação política e o reconhecimento da suserania chinesa. A missão também parece ter tido o efeito de dar, pela primeira vez, aos chineses algum conhecimento concreto da Rússia. Na segunda metade do século XVII, enquanto procurava fazer comércio com a China, a Rússia invadiu pela força a sua fronteira norte. Em 1649 e 1650 e, depois, entre 1650 até 1653, por duas vezes, o governo russo enviou partidos armados para invadir a região de Heilongjiang. Em 1650, ocupou Yaksa e a rebaptizou de Albaazin. Ao mesmo tempo, outra força expedicionária da Rússia atravessou o Lago Baikal e invadiu o Leste.

Na época das primeiras expedições lideradas pela Rússia - nomeadamente por Boyakov e Khabarov - viviam-se, contudo, tempos muito atribulados no Império Chinês. Os Manchus estavam muito ocupados a conquistar a China, não dando muita atenção aos distúrbios que ocorriam na distante fronteira ocidental. Entretanto, à medida que o império se consolidou, a corte de Pequim começou a tomar medidas drásticas contra os russos. Em 1652, Afana Bashkov tentou concretizar o seu plano de invadir o leste do Lago Baikal. O exército russo partiu de Yeniseysk e viajou pelo rio Angara até rio Shilka (a norte de Heilongjiang). A corte imperial chinesa ordenou, então, que as tropas Qing localizadas em Ningguita atacassem os russos. Estes começaram a sua retirada pelo Heilongjiang em abril de 1652. No início de 1654, Bektov ocupou Nerchinsk. No entanto, a resistência da população local fez com que os invasores sofressem golpes regulares e houve uma escassez exorbitante de alimentos, forçando-os a retirar-se de Nerchinsk. Em julho de 1656, Bashkov reocupou Nerchinsk, mas as suas ambições militares não tiveram muito sucesso. A resistência da população local de

Nerchinsk tornou-se cada vez mais violenta e os cossacos liderados por Bashkov morreram ou fugiram em grande número. Dos 566 cossacos trazidos por Bashkov, apenas 75 sobreviveram em 1662.

Face a estes acontecimentos em Heilongjiang, Moscovo decidiu enviar mais dois emissários a Pequim. Baykov, um destes emissários enfureceu a corte chinesa ao recusar-se a curvar-se perante o Imperador. Os seus presentes foram devolvidos e Baykov foi ordenado a deixar Pequim. Assim, a missão foi infrutífera. Baikov regressou à Rússia, tendo chegado a Moscovo a 19 de Julho de 1658. Em Fevereiro de 1658, coube agora a Porfiriev e Ablin partir para a China, chegando a Pequim em Maio de 1660. No entanto, o tribunal chinês considerou a carta do czar como desrespeitosa e enviou de volta o embaixador russo.

Aqui, gostaria de apresentar primeiro um homem - Ghentmuir. Ghentmuir era um chefe de Ewinki, originalmente nómada na área de Nerchinsk, e quando o exército russo tomou Nerchinsk pela primeira vez em 1654, muitas pessoas fugiram para leste, incluindo a tribo de Ghentmuir, que seguiu o exército Qing para a batalha. Mas em 1666 e 1667, ele rendeu-se à Rússia. A China insistiu que Ghentmuir era um fugitivo chinês e exigiu a sua extradição, mas a Rússia recusou o pedido. Tanto as autoridades russas como chinesas levaram Ghentmuir muito a sério. Ele era uma figura particularmente importante pois fosse que lado ele apoiasse, a sua ação teria uma grande influência sobre as tribos Tungus vizinhas.

Como os russos invadiram repetidamente a região de Heilongjiang, o Imperador Kangxi emitiu um ultimato em 1679. O governador de Nerchinsk, enviou um homem a Pequim para pedir ao Imperador Kangxi que reconhecesse a Rússia como um estado suserano. Isto foi momento único na história da diplomacia chinesa, uma vez que a ideia tradicional chinesa era de que todos os países eram estados tributários do imperador chinês. Mas Milovanov manipulou a tradução do documento russo e que removeu este parágrafo.<sup>4</sup> Os seus talentos diplomáticos foram assim apreciados e em 1676 foi enviado numa missão a Nicolai.

A fim de compreender a situação do governo Qing, os russos enviaram várias missões à China e o governo Qing solicitou-se repetidamente a extradição de Ghentmuir, mas não recebeu uma resposta positiva. Nicolai atravessou a Sibéria e veio através do Transbaikal, Nerchinsk e pelo rio Nenjiang até Pequim. No caminho, soube que a China estava a viver a “Revolta dos Três Feudatários” liderada por Wu Sangui.<sup>5</sup> Viu nisto uma boa oportunidade

---

<sup>4</sup> Milovanov, foi o enviado pelo governador de Nerchinsk após receber o ultimato do Imperador Kangxi, que chegou em Pequim com uma carta para contrariar o ultimato.

<sup>5</sup> A Revolta dos Três Feudatários foi uma guerra liderada por Wu Sangui no início do período de Kangxi da Dinastia Qing, quando os três feudatários de Pingxi, Jingnan e Pingnan liderados por Wu Sangui, a pretexto da proposta do tribunal de retirar os feudatários, combinada com forças anti-Qing

para exercer pressão sobre o governo Qing e conseguir dividendos territoriais e políticos. Nicolai<sup>6</sup> chegou a Pequim a 15 de Maio de 1676 e recebeu autorização do governo Qing para apresentar pessoalmente as suas credenciais ao imperador Kangxi. A 16 de Junho, o Conselho informou Nicolai de que seria recebido pelo imperador no dia seguinte, mas que teria de se curvar de acordo com os costumes chineses. O assunto foi calorosamente debatido e a audiência foi adiada. A necessidade de fazer uma vénia ao Imperador acabou por ser cancelada e o Imperador recebeu Nicolai a 19 de Junho. O Conselho também informou Nicolai de que no futuro o tribunal chinês só aceitaria enviados, cartas ou comerciantes russos se as três condições seguintes fossem observadas: a extradição de Ghentmuir na companhia de um enviado à capital; o enviado russo deveria ser um homem razoável disposto a cumprir as exigências do tribunal chinês; e os russos deveriam abandonar todo o comportamento belicoso ao longo da fronteira que perturbava a paz. A 18 de Setembro, o tribunal Qing decidiu que Nicolai deveria deixar Pequim. No seu regresso a Moscovo, Nicolai passou por Nerchinsk, onde tentou persuadir os russos de lá e de Yaksa a absterem-se de quaisquer outros actos de violência ao longo do Heilongjiang, como os chineses tinham solicitado. A extradição de Ghentmuir foi assunto de várias conferências entre a Rússia e a China, mas o lado russo recusou sempre o seu envio. Ghentmuir pode ser considerado como uma das maiores questões de disputa nas negociações sino-russas.

Nessa época, o imperador Kangxi começou a perceber que a diplomacia por si só não podia impedir os russos de invadir a região de Heilongjiang. Ele teria de usar força para os compelir. Entretanto, como a China estava ocupada com Revolta dos Três Feudatários (1673-1681), não foram feitos preparativos para uma invasão até pelo menos 1681, data em que o imperador chinês enviou os seus vice-administradores Lang Tan e Peng Chun para as proximidades de Yaksa com o objetivo de conhecer a situação detalhadamente e pesquisar as vias navegáveis de Ningguita a Ussuri e, daí para o Heilongjiang. Em 1682, outra equipe foi enviada para medir o volume de água no rio Liao e usar os resultados para construir um canal ligando o rio Liao ao rio Songhua. Três anos mais tarde, dezanove estações militares foram instaladas entre Jilin e Aigun. Desta forma, foram estabelecidas duas linhas de comunicação, uma via hídrica e uma via terrestre.

---

no país e no estrangeiro. Esta durou oito anos desde que Wu Sangui levantou um exército no Inverno de 1673 até ao final de 1681, quando o exército Qing ocupou Yunnan e Wu Shifan se enforcou. Sobre esta importante revolta, veja-se em Nicola Di Cosmo, *The Diary of a Manchu Soldier in Seventeenth-Century China*, 2006.

<sup>6</sup> Em 20 de fevereiro de 1675, o Czar nomeou Nicolai como enviado à China. Ele foi instruído a examinar a possibilidade de relações amistosas e pacíficas entre os dois países, depois disso, a encontrar a rota mais curta e segura para a China.

O imperador chinês, contudo, não ficou por aí. Prevendo um agravar da situação militar, lançou outros preparativos. Em 1683, o General do Rio Heilongjiang estava estacionado em Aigun, onde o Rio Jieya desagua no Heilongjiang. O governo chinês sabia que os russos não poderiam ser expulsos sem uma frota, então em 1676, foi construído um cais naval em Jilin. Ao mesmo tempo, foram construídos muitos navios e selecionados dezenas de milhares de marinheiros entre os prisioneiros exilados das províncias do sul. Concluídos estes últimos preparativos, o Imperador Kangxi esperava, contudo, que a disputa pudesse ser resolvida sem ter de passar por uma guerra em larga escala. Kangxi enviou dois prisioneiros russos com um édito para Yaksa. Naquele édito, acrescentou-se um conjunto de outros assuntos sobre os quais a China estava insatisfeita (agressão aos Ghentmuir e a invasão da Rússia), ameaçando-se com a guerra caso a China não visse as suas exigências satisfeitas. Não tendo recebido resposta, o imperador Kangxi lançou uma expedição. Em 15 de junho de 1685, o bombardeamento começou. Nos primeiros dias, os russos perderam uma centena de pessoas, tendo decidido enviar uma delegação ao campo chinês para negociar as condições de rendição. As tropas chinesas prometeram deixar a guarnição russa retirar-se e, em seguida, destruíram Yaksa e voltaram para Aigun.

Contudo, quando todo o exército Qing já tinha retirado para Aigun, o exército russo invadiu novamente Yaksa. A resposta de Pequim não se fez tardar. Outro exército foi imediatamente enviado para Heilongjiang, e a 7 de Julho de 1686, o exército chinês cercou Yaksa. Enquanto esta segunda guerra estava em curso, Kangxi escreveu novamente às autoridades russas. No édito ao ministro russo, encontram-se esplanadas as razões chinesas. Estas razões eram as mesmas que as apresentadas nas cartas anteriores, que não tinham merecido resposta dos chineses, às quais se acrescentavam as relativas à situação em Yaksa. Nesta altura, a Rússia havia já percebido que o povo do vale do Heilongjiang era bem mais difícil de lidar do que os nómadas da Sibéria. A Rússia estava, portanto, preparada para negociar com a China a fim de parar os combates no Heilongjiang. Em Novembro de 1685, recebeu o édito da China de 1683 para a guarnição Yaksa, o que mostrou uma atitude conciliatória. A Rússia agiu imediatamente e chegou um pedido à China em Setembro de 1686, solicitando o levantamento do cerco chinês de Yaksa. O Imperador Kangxi deferiu este pedido. O enviado russo voltou com duas cartas a detalhar questões de insatisfação da China com a Rússia.

Ao mesmo tempo, a Rússia enviou Golovin como um enviado especial com plenos poderes para se encontrar com representantes chineses. Recebeu instruções para oferecer toda a extensão do Heilongjiang como limite, e se este fosse rejeitado, para continuar a deslocar-se

para norte. Em Janeiro de 1686, Golovin e o seu pessoal da missão deixaram Moscovo e iniciaram a longa viagem de regresso à Rússia. Estando ele ainda na Sibéria, recebeu boas notícias: o Imperador Kangxi tinha tomado conhecimento das intenções pacíficas da Rússia e tinha ordenado o levantamento do cerco de Yaksa. Alguns meses mais tarde, em 24 de Julho de 1687, foi dada uma nova instrução secreta a Golovin, instruindo-o a ceder Yaksa. Foi assim que o governador de Nerchinsk teve conhecimento, em Outubro de 1687, de que o cerco de Yaksa tinha sido levantado e que a guerra tinha acabado. Para selar a paz entre os dois impérios, Golovin enviou o seu representante Korovin à China, tendo este chegado a Pequim no dia 14 de Março de 1688. As negociações parecem ter sido demoradas, tendo o emissário russo permanecido na capital chinesa até ao dia 17 de Abril. Quando partiu, ele levava consigo uma carta do imperador chinês propondo Selenguesque como local para a reunião acordada dos representantes dos dois países. O pedido foi aceite e a delegação chinesa partiu de Pequim a 29 de Maio em direção a Selenguesque. Nesta altura, porém, os Kardan atacaram e invadiram Khalkha, a delegação chinesa foi obrigada a regressar a Pequim e a reunião foi adiada para o ano seguinte. Em 16 de Maio de 1689, o Imperador Kangxi nomeou Nerchinsk como o local da reunião. Nessa altura, a conferência em Nerchinsk já estava pronta para ser realizada. Os dois impérios iam finalmente assinar a paz e determinar a linha da sua fronteira.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A história dos episódios e acontecimentos que levaram à assinatura do tratado de Nerchinsk encontra-se descrita em WILLIAM E. BURNS, *Treaty of Nerchinsk(1689)*, John Wiley&Sons, Ltd., 2018.



## **Papel dos jesuítas nas relações diplomáticas entre a Rússia e a China**

### **2.1 Conceito e características dos jesuítas**

A fim de compreender melhor o papel desempenhado pelos jesuítas na assinatura do Tratado de Nerchinsk em 1689, gostaria de começar por analisar o conceito de Jesuítas e as suas características. Quando falamos de jesuítas na China referimo-nos principalmente aos missionários jesuítas que pregaram na China. A forma em inglês da palavra missionária é “missionary”, que é formada pela adição do sufixo “-ary” à palavra “mission”. A palavra missionária evoluiu da palavra “mission” em muitas línguas. De acordo com *the Free Merriam-Webster Dictionary*, a primeira instância da palavra “mission” foi utilizada em 1530. Tem dois significados: o primeiro é uma missão religiosa e o segundo é uma operação comercial ou política enviada para o estrangeiro num sentido diplomático.

Como é definido um missionário? Vou citar aqui a definição de missionário do livro *Dicionário da Igreja Cristã*:

“Um missionário é um termo geral para uma pessoa que está empenhada no trabalho da fé cristã. Existem dois tipos de missionários, nacionais e estrangeiros. Na China, o termo refere-se geralmente aos missionários estrangeiros, tanto os enviados por missionários estrangeiros (principalmente ocidentais) (missões) a outros países para trabalho missionário. Os missionários surgiram com a criação do Cristianismo e desempenharam um grande papel na sua difusão. Já no primeiro milénio após a criação do cristianismo, a doutrina cristã espalhou-se pela Europa e Norte de África e Ásia Ocidental, e até à Índia e China. Antes da era moderna, ordens religiosas católicas como os Franciscanos e Dominicanos já tinham chegado muitas vezes à Ásia Oriental, o que foi o início das missões ultramarinas no sentido moderno. No sentido moderno, as missões no estrangeiro foram principalmente estabelecidas pelas Igrejas ocidentais, que criaram agências missionárias especiais para realizar actividades missionárias na Ásia, África e América Latina. As missões ultramarinas têm sido uma das missões importantes da Igreja Ocidental nos últimos séculos, e por esta razão a Igreja Ocidental estabeleceu um grande número de igrejas ultramarinas (missões) e criou muitas instituições de formação missionária ultramarinas. Nas últimas décadas, devido ao desenvolvimento independente dos países do Terceiro Mundo e à independência das próprias

igrejas para governarem, o número desses missionários tem vindo a diminuir cada ano e tem havido casos de igrejas do Terceiro Mundo que enviam missionários para o Ocidente.”<sup>8</sup>

Podemos caracterizar os jesuítas e as suas actividades nos seguintes termos:

Em primeiro lugar, deveremos reconhecer uma natureza dupla nos jesuítas e nas suas actividades. Quando os jesuítas vieram para a China, desenvolveram uma relação muito estreita com os governos da China e do estrangeiro. Pode questionar-se o papel que tiveram na desestabilização da política e da sociedade moderna da chinesa. Mas a sua contribuição nas relações sino-estrangeiras também precisa de ser reconhecida como intérprete diplomático de Kangxi na negociação do Tratado de Nerchinsk e dos vários empreendimentos sociais e culturais dos missionários na China.

Em segundo lugar, em termos de conteúdos e formas de atividades, os jesuítas e as suas atividades caracterizam-se pela diversidade. Por um lado, os jesuítas acompanharam as descobertas geográficas e vieram à China sob a proteção e o apoio económico dos poderes ocidentais. Junto com os primeiros jesuítas a serviço dos tribunais Ming e Qing, os empreendimentos de missionários jesuítas, por sua vez, foram marcados por um forte histórico de diplomacia oficial e civil. Por outro lado, foram realizadas diversas atividades para promover a missão. Como no caso da política missionária intelectual de Matteo Ricci, além de aceitar escribas, a corte e o palácio, e realizar o empreendimento, em particular, foram valorizados as ideias e os conhecimentos das ciências, tais como matemática, astronomia, geografia, física, engenharia mecânica e tecnologia militar, como um meio do empreendimento missionário. Além disso, após Levante dos Boxers,<sup>9</sup> os jesuítas também reflectiram e reviram o seu próprio comportamento. Em particular, os missionários cristãos concentraram os seus esforços mais na cristianização da sociedade chinesa, em vez de simplesmente transformar a fé das pessoas. Por isso, os principais recursos energéticos e financeiros dos missionários foram investidos em empreendimentos como educação, assistência médica e saúde.

Em terceiro lugar, subjectivamente, os jesuítas e as suas actividades eram dependentes de poderes externos. Vieram pelas rotas marítimas abertas pelos “colonos” ocidentais e foram

---

<sup>8</sup> *Christian Dictionary*, Beijing Language Institute Press, 1994, pp. 85-86.

<sup>9</sup> Levante dos Boxers foi um levante popular anticristão e antiocidental de carácter xenófobo e tradicionalista, ocorrido em praticamente todas as províncias do norte da China entre o final de 1899 e 1900. A Guerra dos Boxers aconteceu durante a Dinastia Qing, com o objetivo de expulsar os estrangeiros dos territórios chineses. Esta rebelião, contou com o apoio dissimulado das autoridades locais e da própria imperatriz Tzu-Hsi. Veja-se em Preston, Diana, *The Boxer Rebellion: The Dramatic Story of China's War on Foreigners That Shook the World in the Summer of 1900*. New York: Walker, 2000.

todos protegidos e apoiados financeiramente, em diferentes graus, pelos seus governos. Como tal, estavam necessariamente dependentes dos seus governos e prestavam alguns serviços, em particular serviços diplomáticos. Por exemplo, entre os primeiros europeus que chegaram à China continental via Macau, os jesuítas formaram um grupo grande e específico. Entre eles, “estavam quinhentos jesuítas que vieram sozinhos para a China. Alguns deles eram portugueses, mas a maioria era de países e regiões como a França, Alemanha e Itália. Mas independentemente da sua origem, todos eles tinham de mostrar a sua lealdade ao Rei de Portugal ao serem enviados por este rei para a China em navios portugueses.”<sup>10</sup> Nos primeiros anos da chegada dos jesuítas à China, estes serviram principalmente a China devido ao baixo nível de contacto entre a China e o Ocidente e à força relativa dos governos Ming e Qing.

Em quarto lugar, geograficamente, as actividades dos jesuítas eram de carácter internacional. Ao chegarem à China sob a protecção dos poderes ocidentais, nas rotas marítimas abertas ou seguiram a sua expansão terrestre, a sua actividade missionária e a experiência tinha, portanto, uma dimensão internacional. Para além do seu envolvimento no comércio internacional na Europa Ocidental, Portugal construiu também um vasto império colonial e uma rede internacional de contactos no Leste. Antes de atingirem a China, os jesuítas chegaram a todas as colónias por onde passavam as rotas marítimas e realizavam actividades missionárias e sociais. Levaram também as suas actividades missionárias para os vários postos comerciais portugueses e eventualmente para a China.

Em quinto lugar, em termos temporais, as actividades dos jesuítas foram longas e a sua influência de grande alcance, compreendendo o arco temporal entre Outubro de 1552, quando o primeiro jesuíta chegou à China, São Francisco Xavier, até 2 de Agosto de 1949, quando o jesuíta que era o embaixador americano na China, John Leighton Stuart, voou para fora da China e marcou o fim da actividade jesuíta na China moderna. Os jesuítas estiveram activos na China durante quase quatrocentos anos, e o impacto das suas actividades foi extremamente abrangente, chegando mesmo aos tempos contemporâneos. Os jesuítas iniciaram um verdadeiro intercâmbio entre a China e o Ocidente e estiveram estreitamente associados ao desenvolvimento das relações sino-estrangeiras, tendo participado em quase todas as actividades políticas na China moderna, da disputa fronteiriça sino-russa e a assinatura do Tratado de Nerchinsk até às duas guerras do Ópio e dos seus tratados, etc. Os vários empreendimentos sociais dirigidos pelos jesuítas chegaram a todos os cantos da sociedade

---

<sup>10</sup> Fang He, *Macau and the Portuguese Grand Merchant Sail - the formation of Portugal and the Early Modern Pacific trade network*, Beijing University Press, 1996, pp. 39-40.

chinesa. Estes incluíam educação, cuidados médicos, trabalho caritativo e escrita. Os estudantes formados nas escolas e universidades estrangeiras dirigidas pelos missionários também tiveram um grande impacto na sociedade chinesa e nas relações sino-estrangeiras.

Havia muitos ramos e facções dentro do Cristianismo, e como tal, havia diferentes tipos de jesuítas que eram os seus agentes e divulgadores. Para melhor analisar o papel desempenhado pelos jesuítas no Tratado de Nerchinsk, é importante compreender que os jesuítas como padres católicos pregaram na China nos finais das dinastias Ming e Qing e estiveram envolvidos em relações externas. O objectivo dos jesuítas não era viver em comunidade num mosteiro fixo, mas enviar religiosos para todos os cantos do mundo com o objectivo de converter as populações ao cristianismo. As ordens religiosas conseguiram assim enviar os seus membros para várias tarefas de forma eficaz e flexível. Por exemplo, missionários, professores do ensino secundário, professores universitários e cientistas para cumprir missões eclesiásticas ou políticas. Este modelo jesuíta centralizado e global de ordens religiosas tinha funcionado espectacularmente bem, mesmo quando os próprios jesuítas se tornaram um “império de ordens religiosos” global.

Com os seus próprios recursos intelectuais e humanos, os jesuítas estiveram envolvidos numa vasta gama de assuntos políticos, económicos, culturais e diplomáticos em países de todo o mundo, bem como no seu empreendimento missionário. Podemos definir o papel diplomático desempenhado pelos jesuítas no Tratado Russo-Chinês de Nerchinsk, no contexto da política externa. Especificamente, foram principalmente os jesuítas que agiram como funcionários nomeados pelo governo Qing para assistir a delegação chinesa nas negociações em Nerchinsk. As tarefas incluíam interpretação linguística, tradução escrita, introdução do lado chinês às regras e técnicas de negociação internacional, introdução do lado chinês ao direito internacional, assistência ao lado chinês na formulação de estratégias de negociação, transmissão de mensagens diplomáticas dos chineses e dos russos, e actuação como terceiro mediador entre as negociações chinesas e russas.

## **2.2 Contexto da chegada dos jesuítas à China**

A chegada dos jesuítas à China e o seu envolvimento nas relações sino-estrangeiras não foi um fenómeno accidental, mas insere-se um profundo contexto histórico. Os jesuítas foram o meio e precursor do estabelecimento de relações diplomáticas formais e do pleno contacto entre a China e a Rússia, um fenómeno de transição necessário nas relações diplomáticas sino-estrangeiras. Portanto, para analisar os antecedentes da chegada dos Jesuítas à China e da

sua participação nas relações sino-estrangeiras, temos de partir de dois aspectos: os antecedentes da chegada dos jesuítas à China e o fundo da participação dos jesuítas nas relações sino-estrangeiras.

Em primeiro lugar, como fundo da chegada dos jesuítas à China, no século XVI, é importante destacar a Reforma irrompeu na Europa, abalando o domínio absoluto do Papa e levando metade do mundo cristão europeu a virar as costas ao Catolicismo de Roma. Neste contexto, surgiu um “movimento contra-reforma” dentro do Cristianismo, que ao mesmo tempo contribuiu para um renascimento da actividade missionária. Os jesuítas nasceram deste novo fulgor católico. Os jesuítas foram fundados em Paris em 1534 pelo espanhol Ignacio de Loyola. Nascido em 1492, no seio de uma nobre família do País Basco em Espanha, Loyola juntou-se ao exército em tenra idade e foi ferido e capturado em 1521 durante uma batalha contra os franceses. No meio do seu sofrimento, estava determinado a servir Cristo e Nossa Senhora para o resto da sua vida. Por volta de 1523, Loyola fez uma peregrinação a Jerusalém, uma experiência que lhe ensinou a importância do conhecimento. Durante os quatro anos de 1524 a 1528, prosseguiu os seus estudos de literatura, filosofia e teologia em Barcelona e Paris, e começou a escrever os seus *Exercícios Espirituais*, que mais tarde se tornou o livro fundamental para a iniciação de cada jesuíta.

A 15 de Agosto de 1534, numa igreja em Montmartre, Paris, Loyola e outros seis, incluindo São Francisco Xavier, fizeram os votos de “viver a vida dos pobres, permanecer santos para toda a vida, ser absolutamente obediente aos meus superiores” e “ser absolutamente obediente ao Romano Pontífice”. Isto tornou-se uma característica que os distinguiu das outras ordens religiosas que faziam os “três votos”. Os jesuítas organizados por Loyola, a fim de alcançar o seu objectivo de reavivar a autoridade do Papa e da Santa Sé, concentraram-se na aprendizagem e no controlo espiritual, com uma estrutura organizativa rigorosa, uma estratégia missionária única e uma política de fazer o que fosse preciso para alcançar os seus objectivos. Loyola definiu um programa de estudo completo e sistemático para os membros, a fim de os adaptar às tarefas que iriam empreender. Os Jesuítas não só tinham requisitos rigorosos para a admissão de membros, mas também estipulavam que os iniciados deveriam passar por 12 a 19 anos de estudo e formação. Estes estudos incluíram, para além dos anos no Noviciado, três anos de estudo de filosofia e matemática no Colégio das Artes e quatro anos de teologia. Entre as diferentes fases deste processo de estudo, era exigido ao membros da Companhia de Jesus que ensinassem nas escolas secundárias jesuítas. Com uma educação académica tão exigente, não é surpreendente que tenham surgido excelentes missionários como Matteo Ricci e Adam Schall.

Em 1540, seis anos após a fundação dos Jesuítas, estes foram oficialmente reconhecidos pelo Papa Paulo III, que nomeou Loyola como o seu primeiro Superior Geral. Em 1544, Paulo III levantou a restrição ao número de Jesuítas e estes cresceram rapidamente, penetrando nos tribunais da fé e nas classes superiores de Itália, Espanha, Portugal, Áustria, Bélgica, Polónia e outros países. Os Jesuítas criaram algumas das melhores escolas da Europa, onde estudaram muitas figuras famosas como Molière, René Descartes e Montesquieu. Os jesuítas, que queriam expandir o seu território católico, não só estavam a se desenvolver na Europa, como também procuravam uma esfera de influência maior, indo para o estrangeiro como missionários. As descobertas geográficas e a expansão territorial proporcionam condições favoráveis e espaço para o catolicismo. Os jesuítas começam assim a avançar, incluindo a chegada à Ásia de São Francisco Xavier, que tentou difundir a doutrina cristã na China.

Não há dúvida de que os missionários ocidentais foram um grupo com estatuto e posição especiais, tanto na China como no Ocidente. No Ocidente, especialmente na Europa Ocidental, foi uma grande honra fazer parte da comunidade religiosa e ser um missionário e um líder religioso sénior, devido à enorme influência que o Cristianismo tradicionalmente tem tido. Em contraste, quando os missionários da Europa Ocidental atravessaram os mares para a China e Rússia, enfrentaram graves problemas de identidade e foram frequentemente discriminados e perseguidos. Ironicamente, a situação tornou-se particularmente complicada quando os missionários se envolveram nos assuntos políticos e diplomáticos da Rússia e da China: “O envolvimento dos jesuítas nas primeiras relações diplomáticas entre a Rússia e a China é um fenómeno histórico surpreendente. Um grupo de europeus, estrangeiros tanto aos russos como aos chineses, missionários de uma religião que mal é tolerada na Rússia e na China, deveriam ter actuado como mediadores numa questão diplomática de grande importância entre os dois impérios. Este é, de facto, um acontecimento um pouco invulgar.”<sup>11</sup>

Embora a Reforma na Europa Ocidental (1517-1648) tenha conduzido directamente ao declínio do domínio absoluto do Cristianismo nas sociedades da Europa Ocidental, a religião continuou a ser uma força enorme com um importante impacto social, cultural e científico. A Reforma também levou à fragmentação religiosa, com o Protestantismo a ganhar força e a competir com o catolicismo pelo território. Mas as forças tradicionais também se consolidaram, levando ao estabelecimento dos Jesuítas e ao envio de missionários para se expandirem no estrangeiro. Os primeiros missionários da Europa Ocidental, tais como Matteo Ricci, Adam Schall e Ferdinand Verbiest, eram na origem nobre, altamente educados e todos

---

<sup>11</sup> Joseph Sebes, *Jesuit Tomás Pereira's diary on the Sino-Russian Nerchinsk negotiations* [M], Translated by Wang Liren, Beijing: Commercial Library, 1973, p. 75.

eram jesuítas. Mais importante ainda, facilitaram o intercâmbio entre as sociedades chinesas e ocidentais e ganharam o respeito e a confiança dos seus países de acolhimento.

Há muitos exemplos de envolvimento missionário nas relações internacionais e assuntos diplomáticos durante as dinastias Ming e Qing: muito antes dos missionários Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon, o padre alemão Adam Schall e o padre belga Ferdinand Verbiest estiveram informalmente envolvidos nos assuntos diplomáticos da dinastia Qing em várias ocasiões. Isto está bem documentado pelo francês Louis Pfister no seu livro, *Biographies and Bibliographical of Jesuits in China*. O Padre Adam Schall era um dos favoritos do último imperador Chongzhen da Dinastia Ming e do imperador Shunzhi, no início da Dinastia Qing. Está escrito que Adam Schall serviu como intérprete tanto para o Estado holandês como para o Grão-Duque de Moscovo quando enviaram os seus embaixadores. Os embaixadores holandeses visitaram a China várias vezes e o imperador Shunzhi nomeou Adam Schall para actuar como seu intérprete. De 1655 a 1656, os embaixadores holandeses Pierre de Goyer e Jacques de Keyser vieram à China. Em 1661, J.V. Campan e C. Nobel vieram à China. Em 1664, Van Boorn veio à China, o imperador Shunzhi nomeou Adam Schall para ser o seu intérprete. Em Março de 1656, o Grão-Duque de Moscovo, Alexei Mikhailovich, foi nomeado pelo Imperador Shunzhi para ser o seu intérprete. Em Março de 1656, o Grão-Duque de Moscovo, Alexis Michael Lowitch, chegou a Pequim com o seu embaixador, e partiu em Setembro do mesmo ano. Entre 1676 e 1684, o padre também viajou entre a China e o Sião (actual Tailândia), bem como Portugal e França. Particularmente notável é o facto de, em Maio de 1676, o enviado russo, Nigolai ter conduzido uma missão à China, com Ferdinand Verbiest a actuar directamente como intérprete. Mais importante, esta foi também a base directa para a missionária portuguesa Tomás Pereira, que Ferdinand Verbiest tinha introduzido como tradutor do Tratado de Nerchinsk.

### **2.3 Como os jesuítas entraram na diplomacia sino-russa**

A diplomacia chinesa e russa era um importante assunto nacional no início da dinastia Qing. Mas porque é que os jesuítas, que não eram chineses nem russos, se envolveram na diplomacia sino-russa? Em primeiro lugar, desenvolverei a minha investigação apresentando os inícios da diplomacia russa e chinesa.

Embora a missão de Baykov não atingisse o seu objectivo, ficou em Pequim durante seis meses e obteve muitas informações sobre a China e aprendeu algo sobre a situação dos jesuítas na cidade. No seu relatório de missão, Baykov escreveu, “Na capital chinesa há

muitas pessoas de outros países: franceses, espanhóis e italianos, entre outros. Estas pessoas já viviam aqui há muitos anos, mas ainda praticavam a sua própria religião”.<sup>12</sup> Isto mostra que ele tinha tomado nota dos jesuítas na China. Esta informação dele era de interesse para os russos.

Ao mesmo tempo, os jesuítas da capital observavam a missão russa e aconselhavam o Imperador. Adam Schall, um jesuíta proeminente que mereceu a confiança do Imperador, escreveu numa carta, “Digo ao Imperador que os russos são pessoas muito sinceras e justas, ou seja, não cumprem as suas leis tão perfeitamente como deveriam. Mas sobre eles está um poderoso Grão-Duque, que envia enviados e que não tinha outras intenções senão felicitar o Imperador pelo seu império governamental, etc. Ainda assim, foram prejudicados pela sua ignorância da língua chinesa e pela falta da ajuda de um intérprete.”<sup>13</sup> Nesta altura, vemos que a participação dos jesuítas na diplomacia russo-chinesa tinha começado e os jesuítas já estavam a exercer influência. A ausência de intérpretes chineses na Rússia, por outro lado, proporcionou uma plataforma para os jesuítas entrarem abertamente nas relações diplomáticas russo-chinesas mais tarde.

Depois de Baykov, a Rússia enviou várias outras missões à China. Entretanto, a agressão russa continuou em Heilongjiang, e em 1665 a Rússia reocupou Yaksa. Em 1667, Ghentmuir desertou para Nerchinsk e as autoridades coloniais czaristas aceitaram-no imediatamente como um cidadão russo. Foram-lhe oferecidas várias recompensas numa tentativa de atrair mais habitantes da fronteira chinesa para traição. O governo Qing apercebeu-se da gravidade da situação e enviou enviados à Rússia para intervir. Em 1670, viu o general de Ningguta enviar pessoas a Nerchinsk e entregou papéis para interpelar a invasão czarista de Heilongjiang, pedir a extradição de Ghentmuir e propor que as autoridades russas enviassem alguém a Pequim para negociar. Em abril de 1670, O governador russo de Nerchinsk foi à capital e apresentou um documento. Pediu-se ao governo Qing que fosse subordinado à supremacia de Sua Majestade o Czar e foi exigido o tributo ao Czar. Os comerciantes russos foram autorizados a negociar livremente na China. Este foi um documento insultuoso.

No entanto, o governo Qing, sem tradutor fluente em russo e sem saber que o documento continha uma exigência de subordinação chinesa à Rússia czarista, recebeu-os amavelmente. Durante a sua estadia em Pequim, que durou mais de um mês, foram recebidos pelo Imperador Kangxi, receberam muitos presentes e visitaram a cidade, e assim “tiveram a oportunidade de conhecer três gregos, que tinham chegado à China por mar. Viviam na China

---

<sup>12</sup> Baddeley, John F., *Russia, Mongolia, China*. Vol. II, Commercial Press, 1981, p. 1166.

<sup>13</sup> Baddeley, John F., *Russia, Mongolia, China*. Vol. II, Commercial Press, 1981, p. 1179.

há quase dezassete anos e praticavam livremente a religião de Jesus na sua capela de pedra auto-construída.”<sup>14</sup> Em Agosto, o governo Qing enviou uma escolta para a missão de volta a Nerchinsk e trouxe consigo uma carta do Imperador Kangxi para o Czar. Em Agosto, o governo Qing enviou uma escolta para a missão de volta a Nerchinsk e trouxe consigo uma carta do Imperador Kangxi para o Czar. A carta reiterava a justa exigência ao governo czarista de devolver Ghentmuir e cessar as provocações fronteiriças, e demonstrava a vontade do Kangxi de fazer a paz.

Contudo, este documento deixava antever que o governo Qing tinha interpretado a exigência absurda no documento russo segundo o qual a China deveria submeter-se ao Czar como condição prévia para que os dois países fizessem a paz. Isto foi um erro diplomático causado pela barreira linguística para o governo Qing. A fim de abrir o mercado chinês e recolher informações sobre a China, o governo czarista enviou outra missão à China em 1675. O governo czarista deu 14 instruções ao Nicolai, das quais o artigo 11 diz, “procure que os padres jesuítas de Pequim traduzam para o latim as quatro anteriores cartas oficiais chinesas da China à Rússia, pois não havia e até agora e ainda não há um intérprete chinês em Moscovo, para que o Grande Monarca da Rússia compreenda os requisitos da corte chinesa.”<sup>15</sup>

Isto sugere que através das suas muitas missões na China, o governo czarista tinha-se familiarizado com a existência de jesuítas em Pequim e decidiu procurar a sua ajuda. Em Fevereiro de 1676, o governo czarista decidiu procurar a ajuda dos jesuítas em Pequim, como já eram conhecidos do governo czarista através das suas muitas missões na China. Em Fevereiro de 1676, o governo Qing enviou o Ministro dos Ritos para o receber quando ele chegou ao rio Nengjiang. Durante as conversações, Nicolai estava convencido de que os intérpretes russos não estavam à altura da tarefa. Ele escreveu no seu relatório de missão: “embora eu tentasse encontrar os melhores intérpretes em Tobolsk, Selengeisk e Nerchinsk, mal conseguíamos compreender o que o Ministro dizia. A razão para tal era que os intérpretes eram analfabetos, inexperientes e nunca tinham ocupado cargos públicos antes. Felizmente, o Ministro era experiente, inteligente e capaz, do seu ponto de vista, educado e conhecia muitas línguas orientais. Assim, a nossa compreensão mútua é mais por meio do adivinhador do que pela confiança nos intérpretes.”<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Nigula Bandishen – Kamian siji, *A Compilation of Russian and Chinese Diplomatic Documents, 1619-1792*, The Commercial Press, 1982, p. 34.

<sup>15</sup> Nigula Bandishen – Kamian siji, *A Compilation of Russian and Chinese Diplomatic Documents, 1619-1792*, The Commercial Press, 1982, p. 42.

<sup>16</sup> Baddeley, John F., *Russia, Mongolia, China*. Vol. II, Commercial Press, 1981, p. 1419.

Ele ouviu dizer que havia muitos estrangeiros em Pequim, alguns dos quais conheciam chinês, russo e muitas outras línguas, e praticavam o cristianismo. Entre eles, conseguiram ser encontrados intérpretes talentosos que puderam traduzir fielmente as cartas e outros documentos trocados entre os dois monarcas. Nicolai pensou que como havia jesuítas que sabiam chinês, isto facilitaria as negociações. É evidente que tanto a Rússia como a China estavam conscientes da barreira linguística na diplomacia e começaram a considerar o uso de jesuítas como intérpretes.

Quando Kangxi recebeu e falou com Nicolai, foram os jesuítas que acabaram por ter o papel de traduzir. Os jesuítas foram, de facto, responsáveis por muitas das relações de Nicolai com o governo Qing. Mais importante ainda, na sua nota, Nicolai registou, “no futuro, se o imperador chinês escrever cartas, por favor, escreva-as em manchu e latim. Se o nosso país escrever cartas, escreva-as em russo e latim”, ao que o governo Qing respondeu “pode ser feito de acordo com o seu pedido”.<sup>17</sup> Isto permitiu que os jesuítas continuassem envolvidos na diplomacia russo-chinesa como intérpretes latinos. A decisão final da Rússia e da China de utilizar o latim como língua comum para a diplomacia nasceu de uma necessidade prática de ambas as partes e após cuidadosa expedição por ambas as partes. Os jesuítas vinham da Europa, estava na China durante muitos anos e conheciam ambos os lados e as sensibilidades, tanto da China como da Europa. O seu nível de aprendizagem e a sua capacidade em latim permitiram-lhes actuar como intérpretes em assuntos diplomáticos russo-chineses. O tribunal Qing escolheu-os como intérpretes a partir do seu conhecimento e confiança. Do lado russo, era para os conquistar. Em suma, as condições históricas específicas do início da dinastia Qing trouxeram os jesuítas abertamente para a diplomacia russo-chinesa, criando uma delicada relação entre os dois impérios da China e da Rússia e os jesuítas.

---

<sup>17</sup> *Selected historical materials from the archives of Sino-Russian relations during the Qing dynasty*, Part I, first volume, China Book Bureau, 1981, p. 28.

## Tomás Pereira e Tratado de Nerchinsk

### 3.1 Biografia de Tomás Pereira

Tomás Pereira, nascido em 1645 de uma família nobre portuguesa, entrou no famoso seminário jesuíta de Coimbra com a idade de 18 anos. Em 1666, aos 21 anos, viajou para a Índia como missionário, tendo completado os seus estudos, primeiro em Goa e depois em Macau. Tomás Pereira era um homem de muitos talentos. Depois de entrar na corte Qing, Tomás Pereira foi muito activo como missionário, diplomata e músico, tendo-se destacado em todos estes campos.

#### 3.1.1 Um missionário fiel

Em 1673, Tomás Pereira foi convocado para Pequim devido ao seu conhecimento do calendário e quando entrou no palácio, ensinou regularmente o Imperador Kangxi sobre a ciência ocidental. Acredita-se que tenha conseguido converter muitos crentes ao Cristianismo no palácio e conquistado a confiança do Imperador Kangxi. Quando os jesuítas se encontravam num momento crítico, as autoridades desta congregação religiosa apelaram à confiança nele depositada pelo Imperador Kangxi para que proporcionasse o alívio necessário para esta congregação. Por exemplo, quando, em 1690, Shandong lançou um julgamento religioso contra os fiéis, Tomás Pereira pediu ajuda ao Imperador Kangxi, que enviou imediatamente algumas pessoas a Shandong para reprimir a perseguição dos católicos. Finalmente, os incidentes anti-religiosos diminuíram e os perseguidores foram punidos. Tomás Pereira também aconselhou os seus companheiros a evitar, na medida do possível, qualquer confronto com funcionários chineses. Como resultado do seu conselho, muitas das perseguições diminuíram rapidamente, algumas igrejas foram restauradas e reconstruídas, e muitas foram protegidas.

Globalmente, pode considerar-se que o envolvimento pessoal de Tomás Pereira, a sua ação missionária e o esforço de protecção dos companheiros contribuíram para uma maior difusão do catolicismo e forneceram uma boa base para que o tribunal Qing promulgasse o decreto sobre a indulgência do catolicismo.<sup>18</sup> Em 1692, Tomás Pereira apresentou uma

---

<sup>18</sup> Em Fevereiro de 1692, o tribunal Qing emitiu um decreto que permite a propagação do catolicismo na China, conhecido como o “Decreto Kangxi sobre a indulgência do catolicismo”. Esta foi a primeira vez em mais de cem anos que o catolicismo foi autorizado a se propagar na China por

petição ao Imperador Kangxi para a livre difusão do catolicismo na China, baseada no seu trabalho para o governo Qing durante as negociações de Nerchinsk. O Imperador Kangxi emitiu, então, o decreto sobre a indulgência do catolicismo, principalmente por causa do pedido de Tomás Pereira. Neste decreto, o Imperador Kangxi reconheceu publicamente muitas virtudes do catolicismo e o empreendimento exemplar dos missionários na China ao longo dos anos, permitindo especificamente professar livremente o catolicismo e declarando a protecção de todas as igrejas anteriormente construídas no país. A “Idade de Ouro” do catolicismo na China começou. A livre difusão do catolicismo na China, um ideal de muitos missionários desde Matteo Ricci, tornou-se uma realidade por Tomás Pereira.

Além disso, Tomás Pereira defendeu o rito chinês no processo missionária. Os jesuítas da China na altura estavam bem conscientes de que a China era um país com um confucionismo profundamente enraizado e que era impossível para qualquer religião estrangeira criar raízes na China e a rejeitar completamente. Por isso, alguns deles defenderam vigorosamente o “rito chinês”. Em 1700, Tomás Pereira e vários outros missionários escreveram uma carta ao imperador Kangxi expondo a sua compreensão do “rito chinês”, esperando que a sua aprovação fortalecesse o testemunho deles junto da Santa Sé. No entanto, devido à intransigência da Santa Sé, a carta não surtiu efeito. Tomás Pereira acabaria por morrer provavelmente por excesso de trabalho, mas o período de “Proibição do catolicismo dos Cem Anos” que se seguiu provou que Tomás Pereira estava correcto.

Como jesuíta português, Tomás Pereira também defendeu “patronatus missionum”<sup>19</sup> de Portugal, que foi ameaçado pela chegada da missão francesa em 1685. A fim de proteger os interesses do seu país, Tomás Pereira aproveitou todas as oportunidades para colocar obstáculos à missão francesa. Quando a missão francesa foi confrontada pelo governador em Zhejiang em 1687, Jean de Fontaney pediu ajuda a Ferdinand Verbiest. No entanto, Tomás Pereira opôs-se firmemente ao seu apelo ao Imperador Kangxi. Segundo registos históricos: “O activismo particular de Tomás Pereira nisso foi reconhecido. Em 1687, foi nomeado inspector adjunto da Igreja da China em Pequim, sendo a sua autoridade limitada a contra os 'intrusos' franceses.”<sup>20</sup> Depois de entrarem na capital, Tomás Pereira estava interessado em enviar estes missionários para outras províncias. Mais tarde, o imperador Kangxi instruiu

---

decreto do tribunal chinês e foi um acontecimento importante na história das relações entre a China e o Ocidente.

<sup>19</sup> “Patronatus missionum” é o direito e o dever conferido pela Santa Sé às autoridades seculares para proteger a propagação do catolicismo em países não católicos, e é um privilégio preferencial no empreendimento da missão católica.

<sup>20</sup> Joseph Sebes, *Jesuit Tomás Pereira's diary on the Sino-Russian Nerchinsk negotiations* [M], Translated by Wang Liren, Beijing: Commercial Library, 1973.

Tomás Pereira para assistir o astrónomo imperial a fazer exames de coordenadas geográficas da China. A fim de evitar Tomás Pereira, os jesuítas franceses queriam pedir uma casa separada para que pudessem evitar os portugueses. Tomás Pereira desculpou-se ao dizer que foi proibido a abertura de quaisquer novas igrejas em Pequim e nos seus subúrbios sem obter primeiro a sua permissão. No entanto, o Imperador Kangxi cedo lhes concedeu um terreno para construir uma igreja. A partir daí, a missão francesa tinha as suas próprias áreas missionárias.

No entanto, em 1693, Tomás Pereira, que então era vice-governador da província, numa tentativa de restringir a influência dos jesuítas franceses, utilizou o seu cargo para encarregar Alexandre de Rhodes da gestão e controlo dos missionários franceses na China. Tomás Pereira foi assim acusado por Ferdinand Verbiest de ser um homem monomaniaco que tomou o lado português em tudo o que fez. Isto deveu-se principalmente ao seu desejo de preservar o mais possível “patronatus missionum” de Portugal. É bem conhecido que Jean-François Gerbillon e Joachim Bouvet eram favoritos do Imperador Kangxi e eram figuras centrais na missão francesa. Se Tomás Pereira não tivesse restringido as suas actividades desde o início, a sua influência ter-se-ia espalhado rapidamente tanto dentro como fora do tribunal. Assim, a pressão das missões francesas por Tomás Pereira atrasou o seu desenvolvimento na China e retardou o declínio do “patronatus missionum” de Portugal.

### **3.1.2 Um músico excelente**

Tomás Pereira era um artista com muitos talentos, especialmente em música. Na altura, o Imperador Kangxi estava a procurar um professor especializado em música, e Ferdinand Verbiest sugeriu Tomás Pereira, que estava em Macau. Quando chegou à capital, foi nomeado como o professor de música do Imperador Kangxi. Ele redigiu materiais didácticos em chinês, instruiu artesãos na produção de vários instrumentos musicais e, a partir de 1676, ensinou o Imperador Kangxi a tocar umas peças nestes instrumentos. O Imperador Kangxi mandou muitas vezes Tomás Pereira ao palácio para discutir com ele as habilidades musicais e a teoria.

Ferdinand Verbiest deu um relato detalhado destes encontros no seu livro *Astronomia Europaea*. Ele menciona que “numa ocasião, o Imperador ordenou-me a entrar na sua câmara interior na Cidade Proibida, juntamente com Domingo Fernández Navarrete e Tomás Pereira. Ordenou a Tomás Pereira que tocasse o harmónio e outro instrumento de teclado europeu. Este harmónio foi dado ao Imperador por nós. O imperador gostava muito de música

européia. Passado algum tempo, ordenou aos seus músicos que tocassem uma canção chinesa que já tinha praticando há muito tempo. O imperador tocou-a com grande habilidade num outro instrumento. Neste momento, Tomás Pereira cantou suavemente com a canção e a gravou directamente com a sua caneta nas nossas palavras e notas europeias. Quando terminou, trouxe-nos o pequeno pedaço de papel e mostrou-nos. A partitura que gravou era exactamente a mesma que a melodia daquela canção chinesa em termos dos intervalos do ritmo, das notas, etc. Voltou então a tocar a canção chinesa a pedido do Imperador, e foi tão perfeita como se a tivesse praticado durante muitos dias em termos dos intervalos, do ritmo, da duração das notas, das emoções, etc. De facto, ele nunca tinha ouvido a canção antes”.<sup>21</sup>

Ferdinand Verbiest continuou a sua descrição: “Depois de muitas provações, quando o Imperador Kangxi viu que a peça de Tomás Pereira era em todos os aspectos impecável, disse em Manchu que esta arte europeia é inacreditavelmente maravilhosa. Este homem (referindo-se a Tomás Pereira) é verdadeiramente um excelente génio e é para ser admirado como tal.” Pouco tempo depois, Kangxi deu a Tomás Pereira 24 pilhas de seda e disse-lhe: “Faz um vestido novo com este material, pois aquele que você está a usar já não é adequado.”<sup>22</sup>

Tomás Pereira, para além de se concentrar nas actividades práticas da música, era também hábil em resumir conhecimentos teóricos relevantes. Escreveu duas obras principais sobre música. Uma delas é a continuação do *Lü Lü Zheng Yi*,<sup>23</sup> escrita a mando do Imperador Kangxi, que introduziu pela primeira vez de uma forma mais sistemática as bases da música ocidental na China, expondo as teorias como as pautas, escalas, ritmo e harmonia. Esta foi a primeira obra sobre a teoria da música ocidental em chinês sendo, provavelmente, a contribuição mais proeminente de Tomás Pereira para o desenvolvimento da música chinesa. Há também um volume de *Música Prática e Apreciativa*, gravado em Pequim e traduzido posteriormente em Manchu. Era de considerável importância para melhorar a utilização e apreciação da música na China naquela altura.

Os conhecimentos de Tomás Pereira em música, astronomia e matemática, bem como a sua atitude amistosa ao seguir as “Regras de Matteo Ricci”, conquistaram-lhe a admiração do Imperador Kangxi. A música ocidental estava intimamente ligada ao Catolicismo, devido à

---

<sup>21</sup> Ferdinand Verbiest, *The Astronomia Europaea of Ferdinand Verbiest, S.J.* (Dillingen, 1687) (Noel Golver English translation), Nettetal: Steyler Verlag, 1993, p.125.

<sup>22</sup> Ferdinand Verbiest, *The Astronomia Europaea of Ferdinand Verbiest, S.J.* (Dillingen, 1687) (Noel Golver English translation), Nettetal: Steyler Verlag, 1993, p.126.

<sup>23</sup> *Lü Lü Zheng Yi*, o livro preserva uma série de fontes musicais das dinastias Ming e Qing, e foi completado por Kangxi em 1713.

necessidade de prática religiosa. A utilização inteligente da música por parte de Tomás Pereira terá levado, segundo ele, a uma redução da aversão ao Catolicismo e muitos terão sido os chineses atraídos para esta religião. Nas palavras de Pereira: “Muitos deles abraçaram assim o cristianismo e daí deduziram que o cristianismo era o mesmo que a sua própria religião e o praticaram, acreditado nele.”<sup>24</sup> Este era precisamente o objectivo de Tomás Pereira ao apresentar os seus talentos musicais no Palácio imperial. Por outro lado, Tomás Pereira também trouxe à China conhecimentos ocidentais avançados de teoria e prática musical, contribuindo de forma indelével para a inovação da música tradicional chinesa.

### **3.2 Papel de Tomás Pereira na assinatura do Tratado de Nerchinsk**

Na investigação sobre os jesuítas e as negociações de Nerchinsk, os estudiosos de países diferentes têm opiniões diversas. Os estudiosos chineses acreditam que o papel dos jesuítas era, antes de mais nada, o de intérpretes. As negociações foram principalmente em latim, com Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon a realizar o pesado trabalho de tradução. Além disso, os jesuítas desempenharam uma espécie de papel consultivo. Os estudiosos russos têm argumentado nas suas investigações que existe uma opinião consensual segundo a qual o Tratado de Nerchinsk, entre a Rússia e a China, foi concluído graças aos esforços dos jesuítas. Mas os factos específicos do processo de negociação dos enviados refutam esta afirmação de que Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon desempenharam um papel, criando, pelo contrário, a impressão de que as acções dos jesuítas em Nerchinsk tinham por objectivo minar as negociações.

Estudiosos de outros países, como espectadores em posições exteriores à Rússia e à China, tenderam a argumentar que os jesuítas, embora apoiando os chineses, não chegaram ao ponto de provocar os russos e causar o fracasso das negociações, conduzindo esta negociação a favor da China. Para explorar as razões da divergência dos três pontos de vista e identificar o papel de Tomás Pereira na assinatura do Tratado de Nerchinsk, deve começar-se por analisar o estatuto de Tomás Pereira nas negociações.

Na sua carta, Jean-François Gerbillon mencionou que “o enviado chinês decidiu que Jean-François Gerbillon e Tomás Pereira actuariam como intérpretes e que eles teriam o honroso e valioso privilégio de jantar com o tio do Imperador”.<sup>25</sup> Isto ilustra o estatuto

---

<sup>24</sup> Joel Canhão, *Father Tomás Pereira - Portuguese Musician at the Chinese Imperial Palace in the Seventeenth Century* [J], Culture Magazine (Chinese Edition), No. 4, p. 34.

<sup>25</sup> Translated by Mei Qianli, *Letter of Father Jean-François Gerbillon from Nerchinsk* (excerpt), 2005, p. 49.

público dos jesuítas nas negociações de Nerchinsk. Mas, claro, tal não reflecte a sua identidade na íntegra. A sua identidade passava, antes de mais, por serem jesuítas em missão na China. Neste sentido, todas as suas actividades na China, ou melhor, em relação à China, estavam centradas na propagação do Catolicismo no império chinês. Tomás Pereira, numa carta enviada ao embaixador russo plenipotenciário Golovin antes das negociações de Nerchinsk, disse que eles estavam prontos a servir o imperador para onde quer que ele os enviasse, desde que não fossem impedidos de pregar. Os problemas a serem resolvidos pelos jesuítas na China obedeciam a uma lógica sequencial. A primeira era se era possível pregar na China, e a segunda era como chegar à China através da Europa. É apenas com base na premissa de conseguir pregar na China que podem pensar na rota para a China. Durante quase cem anos, os católicos na China evitaram factores que pudessem afectar o seu empreendimento missionário na China.

Nas décadas antes do Tratado de Nerchinsk, a resistência dos literati chineses ao Catolicismo, desencadeada pela *Teoria da Refutação* de Yang Guangxian,<sup>26</sup> não diminuiu. Imperador Kangxi, que ascendeu ao trono em 1661, reconheceu os conhecimentos científicos e várias competências dos jesuítas, tendo-lhes conferido uma posição de destaque. Mas de certa forma, a tolerância e a graça do imperador Qing em relação aos jesuítas não podia mudar a atitude dos literati chineses em relação ao Catolicismo. Aos olhos dos literati chineses, a propagação do Catolicismo na China consistia num sério desafio da religião e da ciência estrangeiras à superioridade chinesa e um desejo de colocar a China sob controlo europeu. A consciência cultural apresentou-se neste momento com particular sensibilidade e intensidade. Neste contexto, os jesuítas, que eram a favor do imperador na corte, tiveram de ser sempre cautelosos.

Durante as negociações de Nerchinsk, Tomás Pereira mostrou cautela em várias ocasiões, tentando dar o máximo de visibilidade ao seu estatuto de embaixador Qing. Antes do início das negociações em 12 de Agosto, Tomás Pereira, Jean-François Gerbillon declararam na sua primeira reunião com Golovin que, embora fosse seu costume jesuíta saudar oficiosamente o embaixador plenipotenciário, eles não o fariam. Como tinham sido enviados para cá pelo Ministro chinês e tinham vindo com ele para se encontrarem com o Embaixador Plenipotenciário e muitos outros, para que não houvesse qualquer suspeita contra eles neste ponto, pediram ao Embaixador Plenipotenciário que os perdoasse. Em 14 de Agosto, quando

---

<sup>26</sup> Após o estabelecimento da dinastia Qing, Ferdinand Verbiest e Adam Schall foram nomeados para designar um novo calendário de acordo com as realizações da astronomia ocidental, o que foi oposto por Yang Guangxian, que escreveu artigos como *Refutation Theory* para os opor.

as primeiras negociações terminaram em insucesso, um membro da Legação Russa foi ordenado a conversar confidencialmente com os jesuítas, que mais uma vez disseram: “Quando os chineses estiverem presentes durante as negociações, fale connosco com moderação, pois estamos sob suspeita e parecem ter-se tornado menos confiantes de nós”.<sup>27</sup>

Após o segundo encontro falhado, os jesuítas foram, de novo, solicitados a deslocar-se à tenda russa, e as conversações dos jesuítas com Golovin também terminaram em desacordo porque os jesuítas insistiram defender a posição chinesa. Antes de deixarem a tenda russa, Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon explicaram uma vez mais a atitude deles face aos russos, pois os chineses pareciam estar bastante desconfiados dos jesuítas. Estes nunca teriam permitido aos jesuítas que fossem sozinhos encontrar o embaixador plenipotenciário da Rússia, a menos que para oferecer presentes. Neste caso, embora, como jesuítas, esperassem que este contacto com os russos facilitasse a abertura de uma rota russa para a China, a sua esfera de ação estava limitada pelo facto de terem o estatuto de intérpretes da missão de negociação Qing, devendo defender os interesses do Imperador chinês. Assim, nas suas negociações, Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon empenharam-se na defesa dos interesses da China manchuriana, a fim de salvaguardar, em último caso, a missão na China.

Assim, ainda antes das negociações, tentaram persuadir o Embaixador Plenipotenciário da Rússia a fazer concessões à China. Contudo, o resultado do primeiro dia de negociações levou Golovin a acreditar que os jesuítas estavam a impedir os delegados chineses de fazer concessões e até a distorcer as palavras originais do embaixador. Após o segundo encontro falhado entre os lados chinês e russo, o Ministro de Estado chinês enviou os jesuítas para a tenda russa para negociar. O lado russo ter-lhes-à pedido para lhes enviar mensagens secretas, mas os dois jesuítas recusaram. Os jesuítas disseram que estes pareciam atribuir-lhes não menos responsabilidade do que ao comissário imperial. O envio do comissário imperial da China para a reunião de embaixadores foi o resultado de repetidas persuasões por parte dos jesuítas. Para além de insistirem na posição chinesa sobre as questões fulcrais das negociações, estes tiveram também um papel ativo em aspectos muito importantes do acordo, como a discussão com o lado russo sobre questões como o título do monarca, a língua utilizada no texto do tratado, a forma como o tratado entrou em vigor e a extradição de Ghentmuir.

O processo real das negociações mostra que os jesuítas não estavam de forma alguma desinteressados do destino do tratado. Esta conclusão é inevitável, tendo em conta o estatuto de Tomás Pereira como participante nas negociações. Não foram intermediários nas

---

<sup>27</sup> Русско-китайские отношения в XVII веке. Т. 2, М. 1972. For the Chinese translation, see *Russian-Chinese Relations in the Seventeenth Century*, vol. 2, The Commercial Press, 1975, p. 789

negociações de Nerchinsk, mas antes representaram e defenderam os interesses de uma das duas partes. Eles atuaram na prática como embaixadores chineses. Assim sendo, era dever deles traduzir e comunicar entre as duas partes nas negociações para permitir que as negociações de paz se realizem, mas sempre procurando defender os interesses da China Qing e, em última instância as suas actividades missionárias na China. Caso contrário, perderiam a confiança do imperador chinês e o seu empreendimento missionário na China teria ficado completamente frustrado.

Em 15 de Maio de 1676, a missão diplomática chefiada por um embaixador russo chegou a Pequim. Tanto os jesuítas Ferdinand Verbiest como Domingo Fernández Navarrete acompanharam o ministro Qing como intérpretes para se encontrarem com Nikolai Govrilovich Miliescu Spathary. Pouco depois do encontro com Spathary, Ferdinand Verbiest referiu que, por Cristo, ele ficaria feliz em servir Sua Majestade o Czar, ajudando-o em várias coisas. Durante a estadia de Spathary na capital chinesa, Ferdinand Verbiest forneceu secretamente a Spathary informações sobre a dinastia Qing em várias ocasiões e estabeleceu relações amigáveis com Spathary, tendo conseguido autorização de Kangxi para se encontrar com Spathary e enviar presentes a funcionários chineses em nome de Spathary. Numa destas ocasiões, pediu mesmo a ajuda de Spathary para transmitir uma carta ao Imperador russo quando ele deixou a capital. Na carta, Ferdinand Verbiest pedia ao monarca que mostrasse bondade para com ele e para com todos os jesuítas. O lado russo enviou enviados especiais à capital para reconciliar os conflitos na fronteira entre os dois países. Também nesta ocasião, Tomás Pereira e Ferdinand Verbiest actuaram como intérpretes quando Kangxi recebeu o embaixador russo. Quando o embaixador russo deixou a capital, trouxe consigo a carta de Ferdinand Verbiest a Spathary, renovando a sua lealdade à Rússia e esperando que Spathary ajudasse Domingo Fernández Navarrete, que tinha sido enviada para a Rússia por ordem de Kangxi, a resolver o problema do acesso dos jesuítas à Rússia.

No processo das negociações de Nerchinsk, Tomás Pereira aventurou-se a dizer ao embaixador russo que os jesuítas esperavam receber a graça do monarca que induziria o embaixador chinês a negociar a paz. O duplo papel de embaixador chinês e jesuíta deu a Tomás Pereira uma dupla actuação nas negociações de Nerchinsk - tanto para ajudar a China como para conquistar a lealdade do Imperador russo. A relação entre o primeiro e o segundo em termos da sua importância para o empreendimento missionário levou a mal-entendidos por parte do embaixador russo e a uma atitude de alerta por parte da missão chinesa. Tomás Pereira desempenhou, assim, um papel muito importante na conclusão do tratado nas negociações de Nerchinsk.

Há vários pontos a avaliar no papel desempenhado por Tomás Pereira nas negociações sino-russas. Em primeiro lugar, é importante reconhecer a diferença entre os objectivos do governo Qing e os dos próprios jesuítas. Enquanto o governo Qing ao enviar os jesuítas desejava que o contrato fosse assinado de forma mais harmoniosa e célere possível, a participação dos jesuítas nas negociações visava alargar ainda mais a sua influência na Rússia e na China. Por conseguinte, os jesuítas utilizaram frequentemente vários meios para auxiliar tanto os chineses quanto os russos, a fim de ganharem favor em ambos os lados. Da Rússia, queriam que os católicos fossem acolhidos nos seus domínios. Esperavam também que em troca disso o Czar abrisse a rota siberiana que permitisse acesso directo à China, sem terem que fazer a longa e penosa viagem através dos oceanos. Da China, pretendiam ganhar ainda mais confiança do imperador e, com isso, expandir a influência católica no império chinês.

Em segundo lugar, o objectivo do envolvimento dos jesuítas nas negociações teve um objectivo mais complexo que podemos descrever como sendo de intermediação cultural. Tomás Pereira e os jesuítas ao actuarem como intérpretes durante as negociações do Tratado de Nerchinsk, acabaram por colmatar o fosso cultural e psicológico entre as duas partes, de modo que o tratado fosse assinado numa base mutuamente aceitável. Este papel positivo não deve ser negligenciado. O envolvimento dos dois jesuítas nas negociações sino-russas de Nerchinsk foi um produto das condições históricas da época. Durante o período Kangxi, a China era ainda uma potência feudal no mundo, com um considerável desenvolvimento económico e cultural. Ao mesmo tempo, porém, permaneceu fechada e havia pouca comunicação entre o Oriente e o Ocidente. A diferença cultural era tão grande que qualquer reacção de uma das partes poderia ter significados e implicações que iam bem para além do desejado. Era, por isso, necessário um terceiro elemento que pudesse desenvolver um papel de mediação cultural e política. Nestas condições históricas, a participação de dois jesuítas nas negociações desempenhou sem dúvida um papel de comunicação tanto para a Rússia como para a China.

Em terceiro lugar, ao avaliar o papel dos jesuítas nas negociações, é necessário reflectir sobre a questão de uma forma abrangente, mas também analisá-la de uma forma específica. Por um lado, é importante não atribuir a totalidade dos resultados das negociações sino-russas aos jesuítas e ignorar o papel positivo desempenhado pelos representantes dos lados russo e chinês no processo de elaboração do tratado, nem enfatizar o papel negativo dos jesuítas. Em segundo lugar, é importante distinguir entre os jesuítas neste momento e os missionários que posteriormente iriam agir como cúmplices da invasão imperialista da China após a Guerra do Ópio. Nesta época, a China era um estado forte, independente e feudal, diferente do estado

semi-colonial, semi-feudal e fraco do período pós-Guerra do Ópio. Só desta forma a avaliação é quase justa e dialéctica.

Tomás Pereira foi escolhido por Kangxi principalmente devido ao que o imperador preceptionava como sendo a sua sinceridade e fiabilidade, mas também pelo seu conhecimento do latim. Estas negociações foram o ponto alto da carreira de Tomás Pereira. Na minha interpretação, o papel de Tomás Pereira nas negociações do Tratado Russo-Chinês de Nerchinsk desenvolveu-se nas seguintes áreas:

### **3.2.1 Para reforçar a confiança do lado chinês nas negociações**

Durante muito tempo, o facto histórico de a Rússia czarista ter invadido constantemente o nordeste da China fez com que os oficiais Qing estivessem numa situação de desvantagem política e até psicológica muito grande. Por conseguinte, hesitaram em se preparar para atravessar o rio para a primeira reunião oficial. Em resposta, Tomás Pereira lembrou-lhes que depois de todas as dificuldades que tinham sofrido, se desistissem logo no início, seriam certamente motivo de riso e chacota. Assim convenceu a missão da necessidade de prosseguir com as negociações. No início da segunda reunião formal, o lado russo que queria invadir a Yaksa tentou suspender as negociações. Na falta de experiência em negociações, os delegados Qing voltaram a perder a confiança. Neste momento crítico, Tomás Pereira viu que os russos estavam a agir no seu próprio interesse e que “desejavam claramente por fim a um tratado de paz”.<sup>28</sup> Foi com o encorajamento de Tomás Pereira que a missão regressou à mesa de negociações. Como resultado da grande luta dos Khalkha-mongóis contra a Rússia e dos argumentos de Tomás Pereira e outros, o lado russo estava gradualmente a se tornar menos duro do que tinha sido no início. Tomás Pereira compreendeu que a atitude dura de Golovin nada mais era do que chantagem pois ele esperava paciência por parte dos chineses. A atitude de Tomás Pereira contrariou a conspiração russa para tomar posse da Yaksa. Assim, ao longo das negociações, foi Tomás Pereira que reforçou repetidamente a confiança do lado chinês e acabou por levar as negociações a uma boa conclusão.

### **3.2.2 Actuar como conselheiro do lado chinês de direito internacional**

O Tratado Sino-Russo de Nerchinsk foi o primeiro tratado assinado entre a China e um país europeu. Ao mesmo tempo, o tratado foi o primeiro avanço nas regras tradicionais de relações internacionais e diplomacia da China. O contexto de assinatura do tratado resultou, em larga

---

<sup>28</sup> In: Joseph Sebes, *Jesuit Tomás Pereira's diary on the Sino-Russian Nerchinsk negotiations* [M], Translated by Liren Wang, Beijing: Commercial Library, 1973, p. 185.

medida, da formalização dos princípios do direito internacional em 1625, com a publicação do trabalho do jurista holandês Hugo Grotius *The Law of War and Peace* e o estabelecimento do Tratado de Vestefália e do sistema internacional vestefaliano em 1648. Ao mesmo tempo, os missionários, que eram a elite intelectual da Europa Ocidental católica, chegaram à China e até influenciaram profundamente o Imperador Kangxi. A fim de resolver o problema da agressão czarista no norte do império o mais rapidamente possível, Kangxi teve de encarar o problema czarista através das negociações de paz.

Os princípios estabelecidos no direito internacional forneceram, assim, as condições prévias necessárias e a base sobre a qual iriam decorrer as negociações. Para o governo Qing, o direito internacional era algo completamente novo. Portanto, ao escolhê-lo como negociador, o Imperador Kangxi favoreceu Tomás Pereira, que era bem versado em relações internacionais e direito internacional. No decurso das negociações, Tomás Pereira ajudou frequentemente - como vimos - a dissipar as inseguranças dos embaixadores Qing e aconselhou as autoridades chinesas sobre o estabelecimento dos termos do tratado de paz exigido pelo governo Qing. Como Tomás Pereira afirmou, “tinham colocado as negociações em risco em muitas ocasiões, e era eu quem tinha de resolver os problemas difíceis.” Tomás Pereira também falou repetidamente aos embaixadores sobre os princípios do direito internacional, tais como igualdade e reciprocidade, conceitos de integridade, guerras justas e injustas, etc. O seu vasto conhecimento do direito internacional não só ajudou o governo Qing a vencer as negociações, mas também, e mais importante ainda, deu aos embaixadores Qing uma lição de direito internacional, que constituiu uma referência muito útil para o governo Qing nas suas subsequentes negociações diplomáticas com outros países.

### **3.2.3 Actuar como tradutor, conselheiro e consultor diplomático a favor do lado chinês**

Tomás Pereira foi responsável por um consistente trabalho de tradução durante as negociações. Durante o seu tempo em Nerchinsk, Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon traduziram os documentos, propostas e tratados da missão Qing para o latim, e os homólogos da missão russa para o chinês e manchu. Ele escreveu no seu diário: “Durante estes dias temos estado a trabalhar toda a noite sem parar... O meu companheiro e eu não tivemos o descanso que precisávamos durante quatro noites seguidas, pois temos estado a traduzir à noite o que foi acordado durante o dia”.<sup>29</sup> Na sua maioria, Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon

---

<sup>29</sup> In: Joseph Sebes, *Jesuit Tomás Pereira's diary on the Sino-Russian Nerchinsk negotiations* [M],

traduziram com cuidado, pensando em cada palavra a fim de maximizar a precisão das suas traduções. O seu trabalho não se limitou à tradução, mas incluiu também muito de interpretação. Ainda assim, a partir dos documentos e arquivos disponíveis, parece evidente que as suas traduções foram geralmente fiéis. Para a assinatura de tratados internacionais baseado no sistema ocidental e tendo em conta as tradições culturais da Rússia e da China, os jesuítas não foram apenas os tradutores ideais, como também desempenharam o papel de conselheiros e consultores diplomáticos.

Após algumas negociações, o embaixador russo concordou com um tratado de paz. Embora o papel de Tomás Pereira nas negociações de Nerchinsk tenha sido alvo de discussão em várias ocasiões pela historiografia, a maioria das provas históricas demonstra que Tomás Pereira cumpriu a sua missão e defendeu os interesses chineses durante esta missão. Além disso, o papel positivo de Tomás Pereira nas negociações de Nerchinsk não pode ser negado, tanto em termos da atitude mais favorável e de apreciação que recebeu do Imperador Kangxi depois de regressar de Nerchinsk, como em termos do significado histórico da assinatura do tratado, que trouxe paz a longo prazo à fronteira nordeste da China.

### **3.3 Participação de Tomás Pereira nas negociações de Nerchinsk e o conhecimento da China por parte da Rússia**

A participação de Tomás Pereira nas negociações de Nerchinsk ajudou os russos a adquirir uma compreensão mais profunda da China e a ganhar experiência no relacionamento com este império asiático. Durante mais de cem anos, desde o século XVI, o território da Rússia tinha vindo a expandir-se gradualmente para leste e, embora fizesse fronteira com a China, os russos sabiam muito pouco sobre este país. Ainda que a Rússia tivesse enviado missões directamente à China a partir da primeira metade do século XVII, o tempo de Ivan Petlin na capital foi breve e os seus contactos com os chineses foram muito limitados. A missão Baykov esteve em Pequim durante meio ano, mas uma vez lá, Baykov esteve em constante disputa com os funcionários Qing sobre a apresentação de documentos do Estado e os presentes, bem como em outros aspectos protocolares (como, por exemplo, ajoelhar-se, etc.). As diferenças que surgiram então entre as duas dificultaram imenso a missão de Baykov. Ainda assim, podemos afirmar que as notas e relatórios de missão de Petlin e Baykov, registando as suas rotas de viagem e o que viram na China, enriqueceram as notícias russas sobre a China e foram revolucionárias em termos do conhecimento geográfico. O que eles gravaram foi uma

---

Translated by Liren Wang, Beijing: Commercial Library, 1973, p. 201.

imagem espelho do que viram, bem como a falta de interação com os chineses. Como resultado, os russos não alcançaram uma compreensão da China, das suas características culturais e complexidade política. A China continua a ser um mistério para eles.

Em 1676, Spathary tendo permanecido em Pequim durante três meses e meio. Como era uma missão diplomática oficial, Spathary foi recebida por Kangxi e Ferdinand Verbiest actuou como intérprete permitindo a Spathary aprender muito sobre a China, tornando mais concreta a compreensão da Rússia sobre a realidade chinesa. As negociações de Nerchinsk, que iriam ocorrer uma década mais tarde, permitiram aos russos a um contacto ainda mais profundo e detalhado. Nessa relação, os jesuítas tiveram um papel de destaque, facilitando aos enviados russos como Golovin a compreensão da China. Foi assim, por exemplo, que Golovin conseguiu descortinar que países faziam fronteira com a China, se o Japão era um país vassalo da China e qual era a rota da China até Nerchinsk. Tudo isto através de conversas com os jesuítas após a assinatura do tratado. Nessa ocasião foi-lhe dado um novo mapa da China pelos jesuítas, como ele registou no seu relatório de missão.

Em suma, as negociações que levaram à assinatura do Tratado de Nerchinsk possibilitaram aos russos obter, pela primeira vez, uma compreensão detalhada da China, dos seus funcionários, da sua posição no estrangeiro, dos seus costumes quotidianos, etc., e ganhar experiência para as negociações subsequentes com a China. Nesse sentido, pode dizer-se que até ao Tratado de Tianjin, em meados do século XIX, o conhecimento que os russos tinham da China e a sua atitude em relação a este império se baseava no conhecimento da China acumulado pelo Tratado de Nerchinsk.

### **3.4 Impacto da participação de Tomás Pereira nas negociações de Nerchinsk**

A propagação do Cristianismo na China tornou-se instável a partir de 1664, quando Yang Guangxian iniciou uma atividade contra a propagação desta confissão religiosa na China, tendo sido proibido durante algum tempo o estabelecimento de igrejas em várias províncias. Mais tarde, com a subida ao poder de Kangxi e com um certo reequilíbrio das forças políticas no seio do tribunal Qing, a difusão do Cristianismo na China melhorou consideravelmente. A participação de Tomás Pereira nas negociações de Nerchinsk por parte da missão de negociação Manchu, demonstrou que este estava realmente comprometido em defender os interesses chineses. Isto contribuiu para inverter a percepção das autoridades da China sobre os jesuítas e enfraquecer a resistência ao empreendimento missionário na China. Tal acabaria

por preparar o caminho para a publicação do “Decreto Kangxi sobre a indulgência do catolicismo” no trigésimo primeiro ano da era Kangxi.

O papel de Tomás Pereira no Tratado de Nerchinsk permitiu, assim, fazer avançar o processo de propagação do Cristianismo na China. No “Decreto Kangxi sobre a indulgência do catolicismo” mencionava-se especificamente a dedicação sincera de Tomás Pereira aos seus deveres nas negociações de Nerchinsk, o que levou à assinatura do tratado. Este tratado ilustra, deste modo, a relação entre a política de tolerância para com o catolicismo e o importante papel que Tomás Pereira desempenhou nas negociações de Nerchinsk.

## Desenvolvimento das relações sino-russas após 1689

### 4.1 Padrão das relações sino-russas após 1689

Depois de 1689, a diplomacia sino-russa teve continuidade, ainda que, comparação com o que tinha acontecido antes, por tenham ocorrido algumas mudanças em termos de conteúdo e meios.

Em primeiro lugar, as relações diplomáticas sino-russas após 1689 herdaram o conteúdo temático das relações diplomáticas anteriores entre os dois países - os fugitivos e a demarcação da fronteira. Os Tratados de Nerchinsk e de Kyakhta<sup>30</sup> estavam ambos intimamente ligados aos grandes acontecimentos de fugitivos que ocorreram nessa altura. Desde os tempos antigos até ao presente, os países de todo o mundo têm estado altamente vigilantes sobre a livre circulação de pessoas. Os perigos ocultos envolvidos na livre circulação de pessoas são fatais para todos os regimes. As Dinastias chinesas tomaram medidas rigorosas para refrear a livre circulação de pessoas a fim de manter a estabilidade a longo prazo dos seus regimes. Na zona fronteiriça entre a Rússia e a China, o problema da população fugitiva era ainda mais sensível. A questão dos fugitivos desempenhou um papel significativo nas relações diplomáticas sino-russas durante todo o período pré-Qing. Antes da conclusão dos tratados de fronteira entre a Rússia e a China, o controlo sobre as terras adjacentes era frequentemente obtido através do controlo dos clãs locais. Ou seja, se um clã estava ligado a um regime, esse regime também possuía as terras em que o clã vivia. Assim, tanto a Rússia como a China tomaram uma posição firme sobre a questão dos seus respectivos fugitivos. Um exemplo típico disto foi a deserção do Ghentmuir durante o período Kangxi.

Em 1689, foi assinado o Tratado de Nerchinsk entre a Rússia e a China. Não há dúvida de que o incidente de Ghentmuir foi um factor importante para facilitar a assinatura deste tratado. O tratado delineou a fronteira oriental entre a Rússia e a China e estabeleceu os princípios para disputas tais como fugitivos e passagens de fronteira. No entanto, apesar do consenso do tratado sobre a questão dos fugitivos antes da sua conclusão, a questão dos fugitivos desencadeou um crescendo pouco depois do Tratado de Nerchinsk e tornou-se uma parte importante das negociações sino-russas durante um período considerável após as negociações

---

<sup>30</sup> *Tratado de Kyakhta*, era o tratado geral que confirmava os anteriores tratados russo-chinês. O Tratado de Kyakhta, que foi assinado pela China e pela Rússia com base num acordo mútuo, também funcionou como uma repressão para nova invasão pela Rússia czarista em território chinês e foi um tratado de igualdade.

de Nerchinsk. A principal razão para esta situação era que as disposições do Tratado de Nerchinsk relativas à fuga de pessoas e à passagem da fronteira não podiam produzir efeitos jurídicos na parte média da fronteira entre a China e a Rússia (que pertencia à zona nómada dos ministérios mongóis de Khalkha), que não tinha sido demarcada.

Segundo as *Seleções dos Arquivos e Documentos sobre as Relações Sino-Russas na Dinastia Qing e Relações Rússia-Chinês no Século XVIII, Material Histórico, Coleção de Documentos*, em menos de 30 anos, de 1690 a 1717, houve mais de 70 fugas da fronteira entre a Rússia e a China, das quais cerca de 50 (cerca de 70%) estavam relacionadas com os Khalkha-Mongols e o resto teve lugar na região de Heilongjiang. Destas 50 fugas, 34 eram simplesmente fugas, das quais 24 eram da Rússia para a China. Assim, menos de um ano após o Tratado de Nerchinsk, houve uma reivindicação russa para o regresso dos fugitivos. Em 1690, a Rússia pediu à Dinastia Qing para repatriar os fugitivos. Em resposta, o ministro da Dinastia Qing Hesei Hala salientou que foi o fracasso em resolver a questão da demarcação de Khalkha nas negociações de Nerchinsk devido ao lado russo que causou estes acontecimentos.

Em 1691, no final da “Aliança Dolon”<sup>31</sup> entre o tribunal Qing e os ministérios da Mongólia Interior e Exterior, ficou claro para a Rússia que a chave para resolver o problema dos fugitivos residia nas fronteiras locais de Khalkha. Em 1694, o tribunal Qing enviou outra mensagem ao enviado russo à China exortando a Rússia a responder prontamente à questão da fronteira de Khalkha. É de notar que o tribunal Qing desta vez deixou muito claro que as duas questões de fugitivos e demarcação tinham de ser consideradas em conjunto. Por outras palavras, a demarcação da fronteira “impediria tanto os súbditos russos de entrar nas fronteiras do Império Qing como os nossos súbditos de entrar nas fronteiras do Império Russo, o que não seria inconveniente”.<sup>32</sup> Contudo, o lado russo, temendo que a demarcação da fronteira afectasse a sua política estabelecida de agressão territorial contra a região de Khalkha, não foi muito activo. Na insistência da Dinastia Qing, a Rússia abandonou de facto a sua exigência de repatriamento dos príncipes Khalkha e, em vez disso, exigiu apenas o regresso dos gados saqueados, o que equivalia à admissão da soberania da Dinastia Qing sobre Khalkha-Mongol.

---

<sup>31</sup> Aliança Dolon foi uma tentativa do Kangxi de reforçar a fronteira norte e a administração da Khalkha-Mongal. No início da Dinastia Qing tinha um caso complexo, envolvendo interferência russa e intromissão de Galdan. O Khalkha não podia recorrer à força, mas tinha de negociar e mediar.

<sup>32</sup> Cahen Gaston, *History of Early Sino-Russian Relations (1689-1730)* (Translated by Jiang Zaihua), The Commercial Press, 1961, p. 170.

A disputa diplomática sobre o regresso dos fugitivos da Rússia tinha acabado de terminar devido a um compromisso temporário da Rússia, quando se seguiu o êxodo em massa de Bargus<sup>33</sup> da Dinastia Qing. Tal êxodo em massa foi um assunto sério para a Dinastia Qing e o tribunal levou-o muito a sério, solicitando repetidamente a extradição. Desde então, fugas em pequena escala do Khalkha continuaram a ocorrer à medida que as tribos Khalkha-Mongol regressavam aos seus velhos pastos. Isto culminou em 1720 quando um Bargu fugiu para a Rússia com 700 dos seus subordinados.

Em segundo lugar, o foco da actividade diplomática entre os dois países mudou do rio Heilongjiang para Khalkha. Antes de 1689, o foco da diplomacia russa e chinesa era o vale do rio Heilongjiang. Após o Tratado de Nerchinsk, a região de Khalkha-Mongol tornou-se a principal área de diplomacia entre os dois países. Em 1685, o Imperador Kangxi enviou uma série de russos capturados a Moscovo em quatro direcções diferentes para entregar a Carta de Estado, que foi escrita em guiões chineses, mongóis e russos. A carta dizia que a fronteira deveria ser definida pelo rio Lena e Yeniseysk. Durante as negociações sino-russas em Nerchinsk, o representante da Dinastia Qing, Heseri Hala, mencionou novamente ao lado russo a proposta de demarcação da região de Khalkha. No entanto, o enviado russo Golovin recusou-se a negociar. Por conseguinte, só quando a Dinastia Qing conseguiu resolver o seu problema urgente de demarcação da secção oriental da fronteira sino-russa e derrotou Galdan em Wulan Butong em 1690, tendo convocado as tribos Khalkha-Mongol para realizar a “Aliança Dolon” no ano seguinte, é que mudou o seu foco diplomático para o norte do deserto Região de Khalkha.

Nos anos de 1691, 1693 e 1694, a Dinastia Qing fez três pedidos sucessivos à Rússia para demarcar a fronteira de Khalkha. Ao mesmo tempo, quando o exército Galdan se retirou para o Ocidente, os príncipes Khalkha, que anteriormente se tinham refugiado temporariamente na Rússia, regressaram às suas antigas terras ou desertaram para a Dinastia Qing. Em resposta, a Rússia solicitou repetidamente o repatriamento dos fugitivos. Assim, à medida que a situação se foi desenvolvendo, tanto a China como a Rússia deslocaram, por coincidência, o seu foco diplomático para a zona fronteira entre Khalkha-Mongol e o poder russo.

Além disso, a importância do comércio russo-chinês nas relações diplomáticas entre os dois países tornou-se progressivamente mais evidente. Para a Rússia, o maior ganho do Tratado de Nerchinsk foi a legalização do seu comércio com a China, tornando-o o único país

---

<sup>33</sup> O povo Bargu, ou Mongóis Bargu, vive principalmente em Hulunbuir. Na Rússia e na Mongólia, alguns dos Bargus vivem na cidade, e após a migração em massa dos novos Bargus para Hulunbuir em 1734, os Bargus tornaram-se os principais habitantes de Hulunbuir.

ocidental a desenvolver relações comerciais regulares com a China. Embora isto tenha trazido à Rússia enormes benefícios comerciais, também levou a uma crescente dependência do comércio com Pequim. Nas relações russo-chinesas, o governo russo estava mais preocupado com a rentabilidade do comércio. Após as negociações de Nerchinsk, o governo russo enviou frequentemente caravanas comerciais para Pequim, seguindo as disposições relevantes do Tratado de Nerchinsk. Para além do comércio oficial em Pequim, havia mercados comerciais privados em Qiqihar e Kulun na Mongólia. A percepção dos atributos do comércio neste período de comércio sino-russo foi bastante diferente nos dois países. A maximização da função económica do comércio era o objectivo do governo russo. O tribunal Qing, por outro lado, valorizou mais o outro atributo da relação comercial sino-russa - a função diplomática. Sempre que surgiram fricções nos assuntos externos dos dois países, estas reflectiram-se instantaneamente na relação comercial sino-russa. Embora houvesse diferenças fundamentais nas percepções da natureza do comércio russo-chinês, os dois países estavam em total acordo sobre a sua crescente importância nas relações diplomáticas russo-chinês.

Finalmente, os meios pelos quais os dois países resolveram o seu conflito passaram da guerra para a diplomacia. Antes das negociações de Nerchinsk, as relações sino-russas eram dominadas por confrontos militares directos. Em contraste, durante mais de 30 anos, desde o Tratado de Nerchinsk até 1727, os dois países nunca tiveram um confronto militar directo em larga escala, apesar das constantes disputas. Antes do Tratado de Nerchinsk, a falta de entendimento entre a Rússia e a China tinha conduzido a barreiras à comunicação, pelo que a diplomacia não era muito eficaz e o confronto militar era o único caminho a seguir. No entanto, pela Batalha de Yaksa, a Rússia começou a ter uma compreensão mais clara da força da Dinastia Qing no auge do feudalismo chinês e os dois lados foram finalmente capazes de negociar de forma igual.

As negociações de Nerchinsk estabeleceram uma base importante para a posterior condução dos negócios estrangeiros entre os dois países. Os dois lados desenvolveram gradualmente uma abordagem habitual da gestão de conflitos baseada nos princípios e no espírito do Tratado de Nerchinsk. A partir de 1689, os dois países trocaram cartas e cartas de aconselhamento, e as negociações presenciais foram frequentes, sendo o Tratado de Kyakhta assinado em 1727 um grande feito diplomático.

## **4.2 Crise renovada nas relações sino-russas e as medidas diplomáticas**

Em 20 de Junho de 1717, a Dinastia Qing propôs que a Rússia fizesse comércio temporário na

zona fronteiriça. Em Julho do mesmo ano, pouco depois da saída do enviado da Rússia, a Dinastia Qing recusou unilateralmente a entrada na caravana seguinte antes de as autoridades russas terem respondido à consulta acima referida. Esta foi a primeira vez que a Dinastia Qing recusou a entrada a comerciantes russos. Em Setembro desse ano, a carta de aconselhamento anunciou solenemente a decisão de cessar as relações comerciais entre a Rússia e a China. Dois anos mais tarde, a Dinastia Qing recusou-se a admitir a entrada de mais uma única caravana. Nesta altura, o tribunal Qing suspendeu completamente o comércio das caravanas russas com Pequim.

As razões para a cessação do comércio entre a Rússia e a China foram três: o excesso de oferta de mercadorias russas na capital, o alegado mau comportamento dos comerciantes russos, provocações e lutas e o facto de o tribunal Qing não ter sido capaz de fornecer comida e alojamento para as caravanas russas na capital. Estes problemas existiam de facto. Por exemplo, de 1696 a 1716, a oferta excessiva de produtos russos e o impacto do comércio privado em Kulun na frota mercante oficial russa provocou uma queda dos preços de 50 a 60%. No entanto, os três problemas comerciais acima referidos não surgiram de facto neste momento. Então porque é que o tribunal Qing suspendeu subitamente o comércio russo-chinês de caravanas, que durava há quase trinta anos?

No início das relações sino-russas, as questões dos fugitivos, a demarcação das fronteiras e as relações entre Junggar e a Rússia foram três factores cruciais que influenciaram a diplomacia sino-russa. A agressão territorial da Rússia na região de Khalkha-Mongol foi o início desta crise, tendo levado o tribunal Qing a decidir parar o comércio oficial sino-russo a fim de instar os dois países a negociar novamente a implementação da questão da fronteira sino-russa, há muito pendente, no sector central. Na carta de aconselhamento, o tribunal Qing associou explicitamente a construção da cidade à cessação das relações de embaixador e comércio, sugerindo que a suspensão do comércio era um protesto directo contra a ocupação russa dos territórios de Khalkha. Este estava também determinado a aproveitar este incidente como uma oportunidade para resolver de uma vez por todas a questão da fronteira sino-russa. Durante a visita subsequente da missão russa à China, a Rússia abandonou temporariamente a sua invasão territorial e desmantelou o castelo a fim de alcançar o seu objectivo principal de comércio. Contudo, a fuga subsequente de 700 subordinados da Rússia na região de Khalkha levou a uma crise potencial na demarcação da fronteira entre Khalkha e a Mongólia, gerando no governo Qing a determinação em resolver os problemas que tinham atormentado as relações sino-rusas através da sua reestruturação global.

Uma missão russa partiu, então, às pressas para Pequim em 27 de Julho de 1719 com o

objectivo de restabelecer rapidamente as relações comerciais entre os dois países. A fim de conseguir o restabelecimento do comércio, a Rússia mostrou atenções e concessões sem precedentes em termos de etiqueta para com o Tribunal. Foi mesmo declarado no edital do Czar que “não discuta com os chineses sobre a etiqueta da audiência”.<sup>34</sup> Contudo, não houve a menor indicação da questão da fronteira, questão que era a preocupação mais importante do tribunal Qing. Em 18 de Novembro de 1720, a missão chegou a Pequim, e em 29 de Dezembro, numa reunião com os ministros Qing, a missão propôs um pedido de permissão para entrar no país para a caravana e a conclusão de um tratado de comércio.

Em 11 de Janeiro de 1721, quando o Conselho propôs pela primeira vez discutir a questão da fronteira e pediu a extradição dos 700 Bargus que tinham fugido para a Rússia, a missão declarou que não estava autorizada a discutir a questão da fuga. O tribunal Qing apresentou-lhe então formalmente uma carta de aconselhamento que indicava claramente a importância da questão da fuga para esta instituição: primeiro deveria resolver-se a questão da extradição, depois o comércio. Sob pressão do tribunal Qing e um forte desejo de restabelecer as relações comerciais, o lado russo desmantelou o Castelo de Khovsgol. Contudo, o foco diplomático do tribunal Qing na demarcação da fronteira não mudou e continuou a instar a Rússia a enviar o seu plenipotenciário o mais rapidamente possível, a fim de resolver de uma vez por todas as questões de fuga e demarcação. Em 1715, a primeira visita à capital foi feita pelo Langa,<sup>35</sup> que esteve envolvido em quase todas as negociações sino-russas na primeira parte do século XVIII durante mais de 20 anos. Em 1719, foi-lhe permitido permanecer em Pequim após a partida da missão como seu secretário. O tribunal Qing só permitiu que Langa ficasse em Pequim porque tinha chegado a um acordo preliminar com o tribunal Qing sobre a extradição de 700 fugitivos mongóis antes da sua partida, e o tribunal Qing queria confiar em Langa para aguardar uma resposta final da Rússia sobre a questão dos fugitivos.

No entanto, o governo russo continuou a suspender o assunto durante mais de um ano. Ao mesmo tempo, o tribunal Qing soube que a Rússia tinha trocado missões com o chefe da Junggar. A Dinastia Qing, que era muito sensível a esta questão, foi imediatamente interrogada sobre este assunto com Langa. Assim, desde Março de 1721, quando o tribunal Qing ordenou a expulsão de comerciantes privados russos de Kulun, até Abril desse ano, momento em que informou oficialmente Langa da intenção de suspender toda a

---

<sup>34</sup> Н.Вантиш-Каменский, translated by the Russian Language Department of Renmin University of China: *A Compilation of Russian and Chinese Diplomatic Documents 1619-1792*, p. 107.

<sup>35</sup> Um sueco. Era um diplomata russo e era bem versado em assuntos chineses. Veio para a China com ЛеонВасилиевич Измайлов em 1720 como embaixador adjunto. Serviu cinco vezes como representante comercial russo em Pequim.

correspondência e comércio oficial. Embora Langa tenha sido expulso da capital e as relações entre os dois países tenham enfrentado outra crise, o fim de Langa trouxe mais tensão aos problemas que afligiam a Rússia e a China.

Após a expulsão de Lana, o tribunal Qing não desistiu dos seus esforços consistentes para procurar uma solução para a questão dos fugitivos e da fronteira, e continuou a enviar enviados para a região fronteira em várias ocasiões para exortar o lado russo a resolvê-la. Na reiterada insistência do tribunal Qing, o governo russo também se apercebeu finalmente que a questão da extradição dos fugitivos era a principal razão pela qual a China tinha interrompido o comércio com a Rússia. Após mais de um ano de negociações, que tiveram início em 1726, as duas partes assinaram finalmente um tratado de fronteira, o Tratado de Kiakhta, em Agosto de 1727. Pouco depois, mais dois documentos foram assinados por ambas as partes. As questões fronteiriças entre os dois países foram especificadas. Com base nestes esforços, o Tratado de Kyakhta foi assinado em 20 de Outubro de 1728, que regulamentou a fronteira, os fugitivos e o comércio entre os dois países, pondo assim termo à disputa diplomática após 1689.

### **4.3 Resumo da actividade diplomática dos dois países de 1689-1727**

#### **4.3.1 A delimitação da Fronteira Central Sino-Russa**

A demarcação da fronteira central sino-russa foi de particular importância para a Dinastia Qing. Durante quase meio século, desde as negociações sino-russas em Nerchinsk até às negociações em Kyakhta. Nesse período, a Dinastia Qing assumiu uma atitude proactiva em relação à Rússia no que diz respeito à demarcação da fronteira entre os dois lados. Isto estava intimamente relacionado com a situação doméstica da Dinastia Qing na altura. A questão das relações com Junggar e Mongólia tinha sido, na altura, uma questão importante que atormentava a política e a diplomacia chinesa. De facto, a ânsia do tribunal Qing em assinar o Tratado de Nerchinsk e o Tratado de Kyakhta com a Rússia relaciona-se com o estado da situação em Junggar.

Nos primeiros anos de Yongzheng,<sup>36</sup> Junggar continuou a estar num estado de rivalidade com a Dinastia Qing. Desde o final do período Kangxi, os primeiros anos do período Yongzheng caracterizavam-se por um sério cansaço militar e uma falta de recursos financeiros devido às frequentes conquistas na fronteira. A possibilidade de a Rússia se aliar a qualquer

---

<sup>36</sup> Yongzheng foi o quinto imperador da Dinastia Qing, o quarto filho de Kangxi, e reinou de 1722 a 1735 sob o nome de Yongzheng.

momento ao Junggar foi uma fonte constante de alarme e preocupação para a Dinastia Qing. Nesta situação difícil, o imperador Yongzheng teve de redesenhar e reestruturar a estratégia global da fronteira norte da Dinastia Qing, a fim de aliviar a pressão do Norte. Internamente, o tribunal Qing tomou medidas para retirar tropas em grande escala e tratar de assuntos fronteiriços, a fim de acumular recursos financeiros e reforçar o país. A nível externo, o tribunal Qing tomou a iniciativa de contactar a Rússia, instando o outro lado a demarcar a fronteira norte entre os dois países o mais rapidamente possível. Esperava-se que um tratado vinculasse a Rússia e impedisse a sua ocupação da Junggar. Em termos da posição estratégica dos dois atores, na perspectiva do tribunal Qing, quando tanto a Rússia como Junggar estavam em conflito com o tribunal Qing ao mesmo tempo. Ainda assim, o tribunal Qing ainda colocou a resolução da questão de Junggar em primeiro lugar, e como resultado disso, por vezes, abandonou a sua linha de força para se comprometer com a Rússia.

Assim, embora o Tratado de Kyakhta tenha sido assinado à custa da perda do território Qing e não tenha cumprido as intenções originais da Dinastia Qing, através dele demarcou-se finalmente a fronteira norte entre os dois países. Além de resolver disputas entre os dois países sobre fugitivos e comércio, também comprometeu a política de neutralidade da Rússia nas relações entre a Qing e Junggar, criando condições externas favoráveis para que o tribunal Qing acabasse por pacificar Junggar.

### **4.3.2 As relações comerciais entre os dois países foram restabelecidas**

Para a Rússia, o aspecto mais importante do Tratado de Kyakhta foi o estabelecimento de um regime comercial entre os dois países. Ao mesmo tempo, teve um impacto profundo no padrão de comércio entre a Rússia e a China. Após o Tratado de Nerchinsk, o comércio russo-chinês foi conduzido na China, principalmente sob a forma de caravanas, em Pequim, Qiqihar e Kulun. Após o Tratado de Kyakhta, o comércio russo-chinês evoluiu para uma simbiose entre comércio de caravanas e comércio nas feiras fronteiriças. O local do comércio de caravanas era Pequim, enquanto os locais do comércio de bazar de pontos fixos da fronteira foram identificados como Kyakhta. De facto, após 1727, o comércio russo-chinês começou gradualmente a mudar do comércio de caravanas para o comércio fronteiriço posterior.

Em termos de tendências gerais, o Tratado de Kyakhta facilitou muito o desenvolvimento do comércio russo-chinês e criou um ponto de partida completamente novo para as relações comerciais sino-russas. Conciliou bem o sistema comercial russo com as práticas tradicionais

de tributo do tribunal Qing. O comércio fronteiriço previsto pelo tratado tornou-se uma importante adição ao comércio de caravanas e, em grande medida, permitiu alcançar o objectivo da Qing de aumentar a necessidade e a dependência da Rússia face a Pequim através da expansão do seu mercado. Ao mesmo tempo, teve como efeito o fim da penetração e agressão russa na Mongólia e em Xinjiang.

### **4.3.3 A normalização e regularização gradual das relações diplomáticas russo-chinesas**

Uma comparação do Tratado de Nerchinsk com o Tratado de Kyakhta revela uma diferença fundamental entre os dois. Em primeiro lugar, pelo seu carácter, era apenas uma solução para um problema real baseado nas relações diplomáticas dos dois países na altura. O Tratado de Kyakhta, por outro lado, foi muito além desse nível. Entendido num sentido diplomático, o Tratado de Kyakhta tentou antecipar possíveis problemas futuros na diplomacia entre os dois países e pretendia criar certas instituições que regulassem as relações diplomáticas entre os dois países. O seu sucesso pode ser medido através dos factos históricos que se seguiram. Até ser substituído pelo Tratado de Pequim em 1860, o Tratado de Kyakhta continuou a ser a orientação para as relações diplomáticas entre os dois países, com apenas algumas alterações no meio.

A diplomacia entre a Rússia e a China de 1689 a 1727 caracterizou-se por ser um processo de constante agressão pela Rússia czarista e de constante resistência e luta pela dinastia Qing. As trocas diplomáticas durante este período estiveram mais nas mãos do tribunal Qing em termos de iniciativa, mas em termos de resultados, a Dinastia Qing fez concessões significativas em termos de demarcação de fronteiras. Os governantes Qing tiveram as suas próprias dificuldades.

O Tratado de Kyakhta, resultado de décadas de envolvimento diplomático entre os dois países, não foi apenas o produto de um conflito militar e diplomático entre os dois países, mas também o resultado de um choque entre o espírito pioneiro dos povos europeus e a civilização agrária mais fechada do Oriente. Neste choque, uma nação asiática fechada com uma longa história de civilização agrária mostrou-se instintivamente conservadora e passiva face a uma nação europeia aberta e em expansão. O Tratado de Kyakhta marcou a formação da fronteira sino-russa e a fixou na sua forma legal. Foi assinado numa altura em que o tribunal Qing desconhecia em grande parte o mundo exterior, reflectindo a diferença essencial na percepção dos territórios fronteiriços entre a Rússia e a China. Foi por esta razão que a fronteira

sino-russa, tal como definida pelas disposições legais do Tratado de Kyakhta, embora imperfeita, se constituiu como a forma mais razoável de fronteira aceitável para ambos os países nas condições históricas da época. Resolveu basicamente os problemas de longa data de fugitivos e do comércio entre os dois países. O facto de a fronteira no norte da China ter permanecido relativamente calma durante mais de cem anos é prova da eficácia da actividade diplomática entre os dois países durante este período.

## Imagem histórica de Tomás Pereira - pós-negociação

O Diário de Tomás Pereira consiste no principal relato do ocorrido nas negociações de Nerchinsk. O diário foi originalmente publicado sob a forma de um relatório escrito, o que assegurou em grande medida o seu carácter científico, credível e fiável. A imagem pessoal que Tomás Pereira cria no seu diário procura afirmar naturalmente a credibilidade e fiabilidade do seu relato. O sentimento pessoal e a consciência subjectiva no diário não podem ser evitados. No entanto, os elementos subjectivos e estereótipos mostrados pelo autor no diário influenciaram, em certa medida, as percepções dos estudiosos posteriores sobre Tomás Pereira.

Durante as negociações de Nerchinsk, Tomás Pereira ganhou os elogios e o respeito dos membros da missão chinesa pelo seu talento e mérito, tendo o imperador Kangxi depositado nele muita confiança. Isto também mostra que a expressão de que Tomás Pereira estava a agir como espião russo não é credível. Quando a delegação liderada por Tong Guozheng regressou a Pequim, Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon entraram no palácio e foram recebidos por Kangxi. O eunuco entregou o decreto: “Sua Majestade disse-me que, porque vieram hoje e não encontraram ninguém para lhe transmitir o que desejam, ele enviou-me para vos dizer o que têm a dizer. Pois ele não vos considera como pessoas de fora, mas sim como pessoas do tribunal interior. Por conseguinte, devem falar como homens do tribunal interior e dizer-me em pormenor tudo o que fizeram para concluir a paz com os russos. Quer que falem dos vossos próprios méritos e por vós próprios ou do que ele já sabe, pois lhe agrada ouvi-lo das vossas próprias bocas.”<sup>37</sup> Jean-François Gerbillon referiu-se também aos eunucos que Kangxi tinha enviado para os encontrar: “Os eunucos disseram-nos que Sua Majestade estava bem ciente do trabalho frutuoso que tínhamos feito nas negociações da paz. Sua Majestade estava ansiosa por saber pessoalmente os detalhes do que tinha acontecido e as principais dificuldades que tínhamos tentado resolver. Respondemos que estávamos apenas a fazer o nosso dever o melhor que podíamos, de acordo com as ordens do Imperador.”<sup>38</sup> Alguns poderiam dizer que as citações acima, sendo extraídas dos diários de Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon, poderia demonstrar que estes dois se autocriticavam inevitavelmente e não se podia confiar neles. Contudo, é improvável que os dois tenham escrito os seus diários com tais objetivos, nem é credível que estes pudessem ter copiado dos livros de história

---

<sup>37</sup> In: Joseph Sebes, *Diary of Padre Tomás Pereira, SJ*, The Commercial Press, Beijing, 1973, p. 213.

<sup>38</sup> In: P. Jean - François Gerbillon, *Diary of Jean-François Gerbillon*, The Commercial Press, Beijing, 1973, pp. 58-60, 79.

chinesa.

Após as negociações, o imperador Kangxi ganhou confiança nos jesuítas, tendo recompensado Tomás Pereira em várias ocasiões no período posterior. Pode concluir-se que o Imperador Kangxi estava satisfeito com o resultado das negociações. A satisfação da Rússia é também evidenciada por uma série de actos amigáveis por parte da Rússia após as negociações. Os Czares Pedro I e Ivan V elogiaram a missão com medalhas de ouro e até o pessoal militar que acompanhou a missão a Nerchinsk foi promovido. A assinatura do Tratado de Nerchinsk trouxe uma paz longa e estável entre os dois países.

Além disso, os dois jesuítas receberam uma série de favores do imperador Kangxi, que convocou Tomás Pereira, Jean-François Gerbillon, Joachim Bouvet para a sua corte interior em 3 de Fevereiro de 1690 para ensinar matemática, filosofia, astronomia e outros estudos ocidentais em Manchu no Salão do Cultivo Mental, todos os dias desde então. Mas as graças imperiais para com os jesuítas não ficaram por aí. Em 1 de Abril do mesmo ano, Kangxi atribuiu a Jean-François Gerbillon e outros um quarto para uso pessoal no palácio, perto da sala interior do Imperador. Em 3 de Maio do mesmo ano, com o objetivo de fazer com que Jean-François Gerbillon e os outros pudessem evitar o calor, Kangxi ordenou-lhes que se mudassem para um quarto particularmente fresco e isolado. Em 12 de Fevereiro de 1691, Kangxi ordenou que os cavalos fossem preparados e que os jesuítas, incluindo Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon, fossem convocados para um banquete no Jardim para assistir a uma variedade de peças de teatro e fogo de artifício. Em 4 de Março do mesmo ano, Kangxi ordenou que os cavalos fossem enviados para transportar Tomás Pereira, Jean-François Gerbillon e outros jesuítas de e para o tribunal interior todas as manhãs e noites. Além disso, Kangxi recompensava-os frequentemente com comida e roupas imperiais. Levava frequentemente Jean-François Gerbillon consigo nas suas visitas à capital ou em expedições. De Agosto de 1690 a Março de 1699, Jean-François Gerbillon acompanhou-o em sete ocasiões. Em Abril de 1694, Tomás Pereira seguiu Kangxi para conquistar os rebeldes Galdan.

A prova mais eloquente de que os jesuítas conseguiram ganhar os favores do Imperador na sequência do papel que estavam a desempenhar nas negociações sino-russas encontra-se quando, em 1691, o governador de Zhejiang, emitiu um aviso proibindo a população local de praticar o catolicismo. Quando Jean-François Gerbillon foi informado disto, pediu Kangxi que levantasse a proibição. A fim de agradecer a Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon pelo seu trabalho nas negociações de Nerchinsk, Kangxi concedeu o pedido em 2 de Março de 1692. Neste documento, lê-se que como “os ocidentais, que admiraram a cultura sagrada, vieram por mar de muitos quilómetros de distância e estão agora a governar o calendário e a fazer

armas e artilharia para os militares. Enviados para a Rússia, serviram com sinceridade e realizaram muito”.<sup>39</sup> Reconhecia-se, assim, o papel e a contribuição de Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon no sucesso da política externa chinesa.

Após a assinatura do Tratado de Nerchinsk, em 18 de Agosto de 1694, Kangxi chamou Tomás Pereira ao palácio e deu-lhe um presente, pedindo-lhe para escrever um poema. Em 1696, Tomás Pereira acompanhou mais uma vez o imperador Kangxi a Mongol Oriental. De 1688 a 1691, Tomás Pereira foi também Presidente do Instituto Jesuíta em Pequim. De 1692 a 1695, foi também o vice-presidente do distrito provincial chinês dos Jesuítas. Em 25 de Dezembro de 1708, Tomás Pereira morreu em Pequim após uma longa doença. Kangxi emitiu um decreto que deu a Tomás Pereira uma alta avaliação do seu nível de conhecimento, atitude de trabalho e carácter. Dos factos acima referidos é claro que, após a assinatura do Tratado de Nerchinsk, Kangxi considerou Tomás Pereira ainda mais como um ministro ocidental leal à Dinastia Qing, muito apreciado e tratado extremamente bem até à sua morte na China.

No entanto, a imagem de Tomás Pereira mudou na avaliação tanto da Rússia como da China. A causa principal deste fenómeno foi o facto de a Rússia czarista ainda querer expandir o seu poder no Extremo Oriente. O Tratado de Nerchinsk reresentou o maior obstáculo a essas pretensões pois tal só poderia ser alcançado se fosse completamente deslegitimado. Apesar do tratado de paz, a Rússia ainda tinha ambições de ocupar a bacia do rio Heilongjiang. Diz-se que Czar Pedro considerou, no início do século XVIII, que a Rússia deveria tomar posse do estuário do rio Heilongjiang, numa altura em que o governo russo já estava consciente da importância da área para o seu futuro desenvolvimento económico e político. Desde então, a ocupação da bacia do rio Heilongjiang foi um objectivo do Czar, que tinha ambições de expandir o território.

O siberianista alemão Gerhard Friedrich Müller (1705-1783), nascido na Sibéria (Rússia), recolheu sistematicamente informações sobre a questão da fronteira sino-russa na Sibéria. Não só negou a questão originalmente resolvida da fronteira oriental entre a Rússia e a China Qing, alegando que o Tratado de Nerchinsk era ilegal e injusto, como também entregou em várias ocasiões um *Memorandum* à Imperatriz Anna e à Imperatriz Catherine II. Ele sugeriu que a Rússia deveria recuperar pela força as terras originais russas da chamada nascente até à foz do rio Amur, fazer do rio Amur a fronteira entre os dois países, bem como ocupar pela força a região de Khalkha. Segundo o estudioso chinês Liu Yuantu, “as conceções fabricadas por Müller forneceram a base 'histórica' para se sentir desobrigado do Tratado de Nerchinsk e

---

<sup>39</sup> In: Huang Bolu, *Orthodoxy*, Beijing, 1904, pp. 116, 119, 128.

invadir uma grande área de território a norte do rio Heilongjiang e a leste do rio Ussuri. A campanha de propaganda de Müller também preparou a opinião pública para a ocupação russa de um grande território a norte do rio Heilongjiang e a leste do rio Ussuri, em meados do século XIX. Desde então, aos olhos do governo russo e dos estudiosos que o serviram, o que tinha sido um tratado legal tornou-se um tratado ilegal, e o que tinha sido um tratado igual tornou-se um tratado desigual.”<sup>40</sup>

As ideias de Müller foram aceites por sucessivos Czares e influenciaram os estudiosos russos depois dele ao ponto da ideia de recuperar territórios perdidos ter surgido na consciência da maioria dos russos, como é evidente na história das relações russo-chinesas na segunda metade do século XIX. As opiniões de Müller também lançaram as bases para posteriores estudiosos russos argumentarem que os jesuítas tinham sabotado as negociações de paz. Para provar a injustiça e ilegalidade do Tratado de Nerchinsk, foi necessário encontrar a parte culpada, ou seja, os jesuítas, que constituíram a terceira parte mediadora entre os dois países. Foi, assim, que Tomás Pereira se tornou o alvo e o tema de uma discussão académica renovada.

No século XX, foram publicadas várias obras sobre o Tratado de Nerchinsk tanto pela Rússia como pela China, tais como *Primeiro Tratado Russo-Chinês de 1689* pelo estudioso soviético Yakovleva,<sup>41</sup> e *Tratado Sino-Russo de Nerchinsk de 1689*,<sup>42</sup> compilado pelo Grupo de Investigação de História Qing da Universidade Normal de Pequim, na China. Nestes dois trabalhos, a avaliação de Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon mudou consideravelmente. Yakovleva resume e analisa o material histórico e conclui que “as acções dos jesuítas, especialmente Jean-François Gerbillon, em Nerchinsk, tiveram como objectivo minar as negociações”, afirmando que o presente de Golovin aos jesuítas desempenhou um papel importante na conclusão do tratado.<sup>43</sup> O mesmo pode ser afirmado a propósito de Jean-François Gerbillon, que segundo o mesmo autor também teve como objectivo “minar as negociações”.

A opinião chinesa, por outro lado, acusou Golovin de subornar os missionários Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon. Pode-se ver que ambos os lados baseiam as suas avaliações em bases semelhantes, nomeadamente que Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon tinham

---

<sup>40</sup> Liu Yuantu, *Study of the early Sino-Russian eastern boundary* [M]. Beijing: China Social Science Press, 1993, p. 89.

<sup>41</sup> YAKOVLEVA, P.T. *First Russian-Chinese Treaty of 1689*. Moscow: USSR AS, 1958.

<sup>42</sup> Research Group on Qing History, Beijing Normal University. *The Sino-Russian Treaty of Nerchinsk in 1689*, People's Publishing House, 1977.

<sup>43</sup> YAKOVLEVA, P.T. *First Russian-Chinese Treaty of 1689*. Moscow: USSR AS, 1958, pp. 159-160.

“solicitado” ou “aceitado” subornos. Contudo, a recepção de presentes russos foi registada nos diários de Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon e, se tivesse sido um assunto vergonhoso, não o teriam escrito num documento a submeter aos seus superiores e a publicar posteriormente. A aceitação desses presentes teria sido, assim, uma simples questão de cortesia na altura. Pode conjecturara-se que Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon foram inadequados no seu tratamento dos assuntos externos. Conheciam o direito internacional e compreenderam as questões que precisavam de ser tidas em conta durante as negociações, mas informaram o lado russo dos resultados do Imperador Qing demasiado cedo e directamente, levando à passividade do embaixador Qing, que estava muito menos familiarizado com as negociações internacionais, limitando consequentemente o espaço de intervenção do lado Qing na defesa dos seus direitos e interesses.

Houve um longo processo pelo qual a avaliação de Tomás Pereira e Jean-François Gerbillon passou de um julgamento inicialmente positivo a negativo. Tal deve-se principalmente a Müller, que plantou as sementes da “injustiça” na mente dos russos, que estavam ansiosos por se expandir para o leste. No final do período Qing, quando o país estava em declínio, os russos aproveitaram a oportunidade para reverter completamente o que tinha sido um tratado justo e legal e ceder aquilo a que chamavam “terras perdidas” e “terras vagas”. Nas décadas de 1950 e 1960, quando as relações sino-soviéticas estavam em crise e a questão da fronteira sino-russa ainda não tinha sido completamente resolvida, a questão da história voltou de novo para a vanguarda das discussões. Esta combinação de factores levou a uma mudança na imagem tanto de Tomás Pereira como de Jean-François Gerbillon.



## **Significado histórico da assinatura do Tratado de Nerchinsk**

### **6.1 Levar o mundo a uma era de globalização**

Quando a China e a Rússia assinaram o Tratado de Nerchinsk em 1689, embora a China estivesse sob o domínio do Império Qing feudal e autocrático, o padrão mundial tinha sofrido grandes mudanças, tendo-se entrado numa era global, passando as diferentes regiões do mundo a estar interligadas.

O advento da era da globalização começou com um conjunto de grandes eventos na Ásia-Europa a partir do século XV. A primeira foi a interacção e o contacto entre a Ásia Oriental e o Sul da Ásia, o Médio Oriente e a África causados pelo envio de Zheng He para o Ocidente por sete vezes pelo imperador chinês no leste da Ásia na primeira metade do século XV. Seguiu-se o contacto entre a Europa e as Américas e entre a Europa, as Américas e África resultantes da descoberta da América por Colombo, que havia sido enviado pelo Rei de Espanha. A estes acontecimentos, deve juntar-se a “viagem oceânica” de Vasco da Gama, enviado pelo Rei de Portugal nos finais do século XV e inícios do século XVI.

Embora os contactos e as ligações entre a Ásia Oriental e a Ásia do Sul, o Médio Oriente e África, iniciados pelo envio pelo imperador chinês de “sete viagens de Zheng He para o Ocidente”, tivessem durado apenas um período relativamente curto no século XV, quando o imperador chinês ordenou a Zheng He para regressar à China após sete viagens, as ligações e contactos entre a Europa e a América e entre a Europa, a América e a África, e mais tarde a Ásia, desencadeados pelos portugueses e espanhóis, nunca cessaram. Este contacto e interacção levou não só às “viagens oceânicas” portuguesas da costa ocidental de África à volta da África do Sul, através do Oceano Índico e do Estreito de Malaca no sudeste asiático no início do século XVI, mas também impulsionou o Império Russo Czarista para leste por terra, partindo da Europa Oriental através dos Montes Urais para o norte da Ásia, através da Sibéria, e atravessando o deserto e para o norte da China no início do século XVII, iniciando assim o contacto e interacção com a China.

As interacções e contactos globais que começaram no século XV são fundamentalmente diferentes das interacções regionais entre as principais regiões da humanidade ao longo dos séculos ou mesmo entre países de diferentes dimensões. No passado, tais contactos eram

sobretudo de natureza mística ou religiosa. No Oriente, especialmente na Ásia Oriental, o sistema de relações internacionais era principalmente caracterizado por “tributo e harmonia”, enquanto no Ocidente, especialmente na Europa, era principalmente caracterizado por “direito divino dos reis”. Em geral, as relações entre poderes políticos não eram inteiramente iguais nessa altura, tendo o início dos contactos e interações globais no século XV coincido com o fenómeno de centralização política que, mais tarde, estará na origem dos Estados-Nação.

Em 1555, o Imperador do Santo Império Romano, Carlos V, concluiu o Tratado de Augsburg com os protestantes, estabelecendo o princípio de que “a religião segue o Estado”, o que não só legitima o protestantismo, mas também dá o exemplo no mundo latino. O sistema tradicional do Catolicismo está em sérias dificuldades. O sistema de paridade no início entre Estados no mundo latino medieval transformou-se num sistema moderno de relações entre Estados baseado na resolução gradual de questões religiosas, cuja conclusão foi marcada pela Guerra dos Trinta Anos na primeira metade do século XVII e pela assinatura da Paz de Vestefália em 1648. “Resolução de conflitos por ‘conferência’”, “igualdade soberana dos Estados”, “cumprimento dos tratados”, o estabelecimento do sistema de “institutos de representações diplomáticas permanentes”, etc., constitui os “princípios das relações internacionais modernas”.

Este processo complexo conduziu à afirmação do sistema vestefaliano e ao padrão multipolar e equilibrado do mundo latino. Embora tenha havido contactos e interações iguais entre Estados ao longo de milhares de anos, não eram iguais no sentido do direito internacional moderno. Os Estados envolvidos em tais interações de igualdade tinham características identitárias e patriarcais, tais como alianças fraternas, em vez de um carácter contratual moderno. A igualdade no sistema vestefaliano e no padrão multipolar e equilibrado do mundo latino era, por outro lado, a igualdade no sentido moderno, tornando-se assim o primeiro sistema de relações internacionais no sentido moderno.

No passado, a China esteve no centro do sistema de relações internacionais da Ásia Oriental conhecido como “harmonia de tributo”. Neste sistema de relações internacionais, a China era a potência suprema e os países com os quais a China se associou e interagiu foram considerados estados vassallos ou estados súbditos que prestavam tributo ao tribunal. Todos os estados vassallos ou estados súbditos eram obrigados a receber um édito imperial da China. Contudo, em meados do século XVII, a China estava em pé de igualdade com a Rússia Czarista, que avançava da Europa para Leste, embora continuasse a pensar em termos do sistema de “harmonia de tributo” das relações internacionais e procurasse manter a forma de interacção de tributo com a Rússia. Este foi o contexto histórico e o carácter do Tratado

Russo-Chinês de Nerchinsk em 1689.

## **6.2 Impactos sobre a idéia de soberania nacional para ambos os países**

Na altura da assinatura do Tratado de Nerchinsk, embora ainda não se pudesse dizer que os dois impérios da Rússia e da China já seguissem o princípio da igualdade de “soberania”, as ideias e movimentos de soberania que caracterizavam essa época não podiam deixar de ter impacto nos dois impérios e, em particular, o tratado de igualdade assinado pelos dois países.

Em primeiro lugar, as ideias e os movimentos de soberania que surgiram e se desenvolveram inicialmente na Europa nos séculos XVI e XVII e, em particular, o Tratado de Paz de Vestefália (1648), que foi concluído na Europa em 1648 e marcou o nascimento do direito internacional moderno, devem ter tido um impacto importante na Rússia, que se encontrava na parte oriental da Europa. Foi por volta da época da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) na Europa e da assinatura do Tratado da Vestefália que começou a ascensão da Rússia Czarista e a sua expansão externa global (incluindo a sua expansão para leste na Sibéria e na China). A Rússia entrou então em guerra com a Suécia, um dos principais signatários do Tratado de Vestefália, e concluiu o Tratado de Cardis em 1661, seguida pelo Acordo de Andrusovo com a Polónia. Os princípios básicos do Tratado de Vestefália relativos à soberania dos Estados não podiam deixar de estar reflectidos nestes vários tratados. Tais princípios foram necessariamente contemplados no Tratado Russo-Chinês de Nerchinsk, que foi assinado mais tarde.

Alguns estudiosos salientaram que a Rússia Czarista era um país ortodoxo e não participou no Tratado de Vestefália. Contudo, como a Rússia tinha mais ligações com a Europa, dispondo de algum conhecimento do direito internacional, ainda que não fossem totalmente versados neste. Durante as negociações do Tratado de Nerchinsk, os embaixadores russos citaram o direito internacional em várias ocasiões quando negociaram com os embaixadores chineses. Uma vez escreveram aos embaixadores chineses alegando que o acantonamento da China era demasiado próximo de Nerchinsk e não respeitava o direito internacional. Após as duas partes terem negociado por duas vezes e chegado a um impasse, o lado russo enviou um intérprete ao acantonamento chinês para dizer que o direito internacional exigia a realização de três negociações, ou seja, “o seu enviado, em conformidade com o direito internacional - foi o que ele disse - exigiu uma terceira reunião. Segundo o direito internacional, a primeira reunião era para cumprimentar, a segunda para

uma fazer uma proposta e a terceira para chegar a uma conclusão”.<sup>44</sup> A proposta russa quebrou o impasse e as negociações começaram a decorrer.

Em segundo lugar, as ideias e os movimentos de soberania nacional que surgiram e se desenvolveram inicialmente na Europa nos séculos XVI e XVII também influenciaram os governantes Manchu na China. A primeira vez que o governo chinês agiu em conformidade com o direito internacional e assinou um tratado com um país estrangeiro foi justamente no Tratado Sino-Russo de Nerchinsk em 1689.

Alguns investigadores salientam que já por volta de 1648, o Padre Martin Martini (1614-1661) tinha traduzido para o chinês os escritos de Suárez, um importante jesuíta espanhol e um dos pioneiros do direito internacional. Seguiram-se os dois jesuítas que, como já vimos, foram empregues pela Dinastia Qing: Jean-François Gerbillon de França e Tomás Pereira de Portugal. Não só permitiram que os seus conhecimentos do direito internacional influenciassem o Imperador Kangxi, como também aceitaram uma comissão do governo Qing para participar directamente nas negociações sino-russas de Nerchinsk de 1689, influenciando as negociações com os seus conhecimentos no domínio do direito internacional. Embora seja improvável que o governo Qing na China aceitasse efectivamente a ideia de soberania nacional, as fontes históricas relevantes provam que alguns princípios do direito internacional foram efectivamente respeitados e aplicados em certa medida nas negociações de Nerchinsk, permitindo assim que as negociações sino-russas de Nerchinsk fossem concluídas com sucesso.

As negociações foram conduzidas numa base de reciprocidade e a conclusão do tratado, incluindo a sua redacção, assinatura, carimbagem e troca, esteve em conformidade com a prática internacional. Tanto que detalhes como o uso do latim no texto oficial do tratado, o uso do latim como língua da diplomacia, bem como o entendimento sobre os títulos dos representantes oficiais de ambas as partes como Vossas Excelências, estavam todos de acordo com as normas jurídicas. Graças aos esforços activos de dois jesuítas, Jean-François Gerbillon e Tomás Pereira, o primeiro tratado de fronteira assinado entre a China e um país vizinho respeitavam em larga medida as normas do direito internacional.

Pouco depois do Tratado de Nerchinsk, foi comentado que “em certas ocasiões importantes, algumas das formas especiais como os jesuítas lidavam com os problemas ainda eram bastante úteis. Jean-François Gerbillon, em particular, sabia como fazer uso disto. Como veio da França, onde se discutia frequentemente os interesses do monarca, as constantes

---

<sup>44</sup> Joseph Sebes, *Diary of Padre Tomás Pereira, SJ*, The Commercial Press, Beijing, 1973, pp. 176-189.

guerras e tratados de paz faziam as pessoas pensar mil vezes se as consequências eram boas ou más para a nação. Ele teve a sorte de encontrar formas de reconciliar os chineses e os moscovitas que estavam em desacordo e prontos para interromper as negociações de paz”<sup>45</sup>. Isto também é indicado nos diários de Jean-François Gerbillon e Tomás Pereira. No diário, Jean-François Gerbillon afirma que “os nossos ministros nunca entraram num tratado ou negociação com qualquer outro país; eles têm demasiado medo dos russos e desejam apenas se proteger de qualquer acidente. Além disso, desconheciam completamente o direito público internacional e não compreendem que o carácter de um enviado pode tornar a sua pessoa inviolável e a proteger de não ser ameaçada, mesmo perante os seus maiores inimigos”<sup>46</sup>. No diário de Tomás Pereira, faz-se várias referências ao direito internacional, a princípios que se tornaram elementos do direito internacional: como a igualdade e a reciprocidade, que são necessárias nas negociações, deve ser honesto nas negociações internacionais, a ideia de guerra justa e injusta, etc. Além disso, dá-se nota que ele explicou os elementos relevantes do direito internacional aos negociadores chineses e os persuadiu a negociar com os russos em pé de igualdade. Tal explica por que razão a maioria dos estudiosos qualificam este tratado como um tratado de igualdade.

### **6.3 Carácter significado do tratado em termos de direito internacional moderno**

O significado histórico mais profundo do Tratado de Nerchinsk é visível em termos de carácter moderno do direito internacional, ou seja, pelo facto da sua assinatura ter absorvido em grande medida as ideias modernas e os princípios da soberania do Estado, dando assim um certo progresso nas relações externas da China. “Um grande avanço na história das relações sino-russas foi o facto de o Tratado de Nerchinsk ter aberto o caminho para a resolução de disputas entre as duas partes através de negociações diplomáticas em pé de igualdade, estabelecendo um tipo especial de relação diplomática entre os dois países”<sup>47</sup>.

Para além de reflectir a igualdade soberana dos Estados, que é o princípio fundamental do carácter do direito internacional moderno, o Tratado de Nerchinsk também foi marcado pelo facto de, pela primeira vez, ter sido traçada uma fronteira no norte da China. Por esta razão, estudiosos de sucessivas gerações têm considerado o Tratado de Nerchinsk como o primeiro

---

<sup>45</sup> Du Halde, *A Brief Collection of Jesuit Books on China (I)*, Elephant Press, 2001, p. 278.

<sup>46</sup> In: Joseph Sebes, *Diary of Padre Tomás Pereira, SJ*, The Commercial Press, Beijing, 1973, pp. 107, 110, 177-178.

<sup>47</sup> Hu Lizhong et al, *From the Treaty of Nerchinsk to Yeltsin's Visit to China - 300 Years of Sino-Russian and Sino-Soviet Relations*, Fujian People's Publishing House, 1994, p. 19.

tratado de fronteira assinado entre a Rússia e a China, e o primeiro entre a China e um país estrangeiro.

Além disso, o Tratado de Nerchinsk introduziu pela primeira vez a palavra “China” como um símbolo de soberania. Embora a palavra “China” possa ser encontrada há mais de 2000 anos em *Livro de Músicas*<sup>48</sup>, é uma palavra equívoca que não se refere exclusivamente a um país e não tem o significado de um nome do país. A “China”, que com uma longa história, era uma dinastia feudal, cujo nome era também o nome do país, como Zhou, Qin, Han, Tang, Song, etc. A primeira aparição da palavra “China” como símbolo de soberania num documento oficial do Estado constou no texto do Tratado de Nerchinsk. O facto de a palavra “China” ter aparecido no Tratado Russo-Chinês de Nerchinsk em 1689 como um conceito de soberania do Estado é também uma manifestação inequívoca da influência da ideia de igualdade soberana dos Estados no direito internacional moderno. No caso da China, este é mais um reflexo do significado histórico do Tratado de Nerchinsk.

O carácter e o significado do direito internacional moderno em relação ao Tratado de Nerchinsk têm sido discutidos por estudiosos na China e no estrangeiro. Em geral, os estudiosos chineses têm sido consistentes na sua avaliação do Tratado de Nerchinsk nos séculos que se seguiram à sua assinatura. Já no século XIX, durante o período de Xianfeng da Dinastia Qing, He Qiutao, um renomado perito em relações russo-chinesas, tratou em detalhe do Tratado de Nerchinsk no seu livro. Argumentou que a conclusão do Tratado de Nerchinsk “lançou as bases para a normalização das relações sino-russas” e salientou que, graças ao planeamento do Imperador Kangxi e aos esforços de ministros e generais, “Yaksa e Rio Ergun foram incluídos no território, enquanto Nerchinsk foi doado”, reconhecendo que o lado russo conquistou “um lugar para o comércio”.<sup>49</sup>

Desde o século XX, e especialmente desde a fundação da República Popular da China, os estudiosos chineses têm discutido mais aprofundadamente o significado histórico do Tratado de Nerchinsk. Nos anos 50 do século XX, o historiador do Partido Comunista Chinês Peng Ming argumentou que o Tratado de Nerchinsk “se tornou a base das relações pacíficas entre a Rússia e a China para os próximos cento e setenta anos (até à Segunda Guerra do Ópio)”, porque o tratado estabeleceu a fronteira oriental entre a Rússia e a China e resolveu o problema do comércio russo na China. Segundo Ding e outros, o Tratado de Nerchinsk “foi concluído com base no princípio da igualdade entre os dois lados, esses garantiram a paz na

---

<sup>48</sup> O nome chinês é “诗经”, a mais antiga colecção geral de poesia, o início da antiga poesia chinesa.

<sup>49</sup> Chen Qitai, *On He Qiutao's Shuofangbeicheng*, in *History*, No. 1, 2005.

fronteira sino-russa e facilitaram o comércio russo com a China”.<sup>50</sup> Um livro publicado na década de 1970, *The History of the Tsarist Invasion of China*, que tem as características distintivas dessa época, também argumenta que “o Tratado de Nerchinsk foi o primeiro tratado concluído formalmente entre a Rússia e a China. A conclusão deste tratado lançou as bases para a normalização das relações entre os dois países”.<sup>51</sup> No início do século XXI, a avaliação do Tratado de Nerchinsk na historiografia chinesa permanece fundamentalmente inalterada. Wang Shengzu, historiador renomado das relações internacionais e outros salientam, ainda, que o Tratado de Nerchinsk “tem sido tradicionalmente reconhecido como um tratado de igualdade entre a China e a Rússia, que lançou as bases principais para as relações sino-russas subsequentes”.<sup>52</sup>

O carácter e o significado do Tratado de Nerchinsk no direito internacional moderno também tem sido discutido igualmente por estudiosos soviéticos e russos. O famoso estudioso Sladkovsky observou que “o Tratado de Nerchinsk foi de grande significado para o desenvolvimento das relações entre a Rússia e a China. As disputas fronteiriças foram reconciliadas e a guerra foi excluída como meio de resolução de tais disputas. O tratado estabeleceu a base jurídica para a igualdade de comércio, o que foi benéfico para ambos os países”.<sup>53</sup> Na obra editada pelo diplomata Gromyko, as negociações de Nerchinsk foram consideradas “negociações formais e iguais”, acrescentando-se que “o tratado consolidou e ampliou a aproximação entre os dois povos”.<sup>54</sup> Yakovleva, especializada no tratado de 1689, conclui na sua monografia que “é significativo que o Tratado de Nerchinsk entre a Rússia e a China tenha sido concluído com base no princípio da igualdade, enquanto todos os tratados subsequentes entre os Estados europeus e a China foram insultuosos e pilhadores para a China. Pelo Tratado de Nerchinsk, a Rússia e a China reconheceram mutuamente a soberania de ambos os países, tendo tal sido fixado quando se designaram os títulos completos dos governantes tanto da Rússia como da China. As duas partes prometeram reciprocamente a manutenção da paz e o reconhecimento das fronteiras prescritas”.<sup>55</sup> No artigo *Russian-Chinese relations in the first half of the seventeenth century*, Shebinkov afirma: “do

---

<sup>50</sup> Ding Mingnan et al, *History of Imperialist Invasion of China*, vol. 1, Beijing, 1958, p. 1.

<sup>51</sup> Institute of Modern History, Chinese Academy of Sciences, *History of the Tsarist Invasion of China*, vol. 1, People's Publishing House, 1975, p. 187.

<sup>52</sup> Wang Shengzu, ed al, *History of International Relations*, vol. 1, World Knowledge Press, 1995, p. 365.

<sup>53</sup> Sladkovsky, *An Introduction to the Economic Relations of the USSR with China*, Moscow, Russian edition, 1958, p. 26.

<sup>54</sup> Gromyko, *The Diplomatic Dictionary*, vol. 2, Moscow, Russian edition, 1961, pp. 403-404.

<sup>55</sup> Yakovleva, *The First Treaty of 1689*, Commercial Press, 1973, p. 214.

ponto de vista do direito internacional, o Tratado de Nerchinsk de 1689 foi o primeiro tratado concluído entre a Rússia e a China com base na igualdade e benefício mútuo”.<sup>56</sup>

Embora se tenha argumentado que, na altura do Tratado de Nerchinsk, a relação entre o chefe de Estado czarista e os impérios Qing ainda era semelhante à existente entre os dois impérios na Idade Média e que o carácter das relações russo-chinesas no século XVII era ainda marcadamente feudal, a natureza moderna das relações internacionais estabelecida no próprio Tratado de Nerchinsk não pode ser negada. Foi este carácter que fez do Tratado de Nerchinsk uma pedra basilar para o avanço no sistema de “harmonia de tributo” das relações internacionais na Ásia Oriental. A partir daí, o sistema de relações de tributo na Ásia Oriental começou a converter-se num sistema moderno de relações através de tratados.

#### **6.4 Significado prático para a China e a Rússia**

Após a assinatura do Tratado de Nerchinsk, estudiosos chineses e russos também explicaram o significado do tratado para o desenvolvimento e segurança nacional da China e da Rússia, respectivamente. Durante a primeira metade do século XX sob o Partido Nacionalista, o famoso historiador e perito em relações russo-chinesas, He Hanwen, observou que o Tratado de Nerchinsk foi “o único tratado vitorioso na história da diplomacia chinesa antes do século XX”.<sup>57</sup> Durante a Revolução Cultural, em resposta à total rejeição pela União Soviética do significado histórico do Tratado de Nerchinsk, os estudiosos chineses reafirmaram o carácter igual e legal do tratado, ao mesmo tempo que sublinhavam o significado da sua assinatura para o lado russo.

Após a reforma e abertura da China, os estudiosos chineses continuaram a avaliar objectivamente o Tratado de Nerchinsk, sublinhando a sua importância para o desenvolvimento e segurança nacional da China, para além do seu significado teórico. Por exemplo, na década de 1980, foram publicados livros como *A Brief History of the Tsarist Invasion of China and Tsarist Russia and the Northeast*, o primeiro dos quais dedicou um capítulo ao “*The Main Contents of the Sino-Russian Treaty of Nerchinsk and its Historical Significance*”, declarando que o Tratado de Nerchinsk “teve um grande significado histórico, pois confirmou legalmente a soberania territorial da China sobre a bacia do rio Heilongjiang, delimitando claramente a fronteira oriental entre a China e a Rússia, e represou a agressão dos colonialistas czaristas na bacia do rio Heilongjiang. Durante cerca de um século e meio após a conclusão do tratado,

---

<sup>56</sup> Shebinkov, *Russian-Chinese Relations in the Seventeenth Century*, Moscow 1960 edition, p. 208. Quoted in *The History of the Tsarist Invasion of China*, vol. 1, p. 188.

<sup>57</sup> He Hanwen, *A History of Sino-Russian Diplomacy*, Shanghai, 1934, p. 74.

não houve conflitos armados de grande escala entre a Rússia e a China na parte oriental da fronteira, o que ajudou a promover os contactos civis e as trocas comerciais entre os dois países.”<sup>58</sup> O último dos livros referidos acima salientou que o Tratado de Nerchinsk “foi o primeiro tratado assinado entre a China e a Rússia e foi também um tratado de igualdade que clarificou legalmente a fronteira oriental entre a China e a Rússia, tendo a China recuperado parte do território ocupado pela Rússia czarista, pois parou a sua expansão mais agressiva na região de Heilongjiang e lançou as bases para o desenvolvimento de relações normais entre a China e a Rússia. Nesta base, o governo Qing e os povos do Nordeste puderam desenvolver ainda mais a fronteira e consolidar a sua defesa”.<sup>59</sup> O acima exposto pode ser considerado como uma avaliação relativamente justa do Tratado de Nerchinsk feita por estudiosos chineses do ponto de vista da China.

Os estudiosos russos também se mantiveram consistentes na avaliação que fizeram do Tratado de Nerchinsk, ou seja, na explicação do significado da sua assinatura para o desenvolvimento e segurança nacional da Rússia. Uma das mais proeminentes foi a avaliação feita pelo estudioso soviético Shastina na década de 1950. Ela ilustra o grande significado do Tratado de Nerchinsk para a Rússia. Shastina resumiu dois aspectos significativos da assinatura do Tratado de Nerchinsk para a Rússia: Em primeiro lugar, “como resultado do Tratado de Nerchinsk, a propriedade da região Trans-Baikal pela Rússia foi oficialmente confirmada e um grande número de desertores mongóis foram submetidos à Rússia”. Em segundo lugar, “foram estabelecidas relações comerciais preliminares com a China”. E acrescenta: “o estabelecimento de relações comerciais com a China foi um feito particularmente significativo, pois durante a maior parte do século XVII, a Rússia fez várias tentativas para estabelecer relações comerciais regulares com a China.”<sup>60</sup>

Outro estudioso russo, Kabanov, também salientou o significado histórico do Tratado de Nerchinsk para o desenvolvimento e segurança nacional da Rússia, como a questão da bacia indefinida do rio Udi na secção oriental da fronteira, o que tinha fornecido o pretexto para a eventual ocupação da margem esquerda do rio Heilongjiang pelo lado russo. Sobre este ponto, Kabanov critica as acusações feitas por alguns estudiosos russos contra Golovin, o signatário russo do Tratado de Nerchinsk, dizendo que não foi Golovin que vendeu a bacia do rio

---

<sup>58</sup> Fu Sunming et al, *A Compendium of the History of the Tsarist Invasion of China* (updated edition), Jilin People's Publishing House, 1982, p. 64.

<sup>59</sup> Tong Tong et al, *Tsarist Russia and the Northeast*, Jilin Literature and History Press, 1985, p. 92.

<sup>60</sup> Shastina, translated by the Department of Foreign Languages, Beijing Normal University, *Relations between Russian and Mongolian Envoys in the Seventeenth Century*, Commercial Press, 1977, p. 154.

Heilongjiang à China, e que “a posição de Golovin dependeu da situação real em que se encontrou, tendo-se constituído como uma implementação precisa e minuciosa das instruções do governo de Moscovo”. Este importante historiador considera, ainda, que “o Tratado de Nerchinsk resolveu muito claramente as principais questões que a missão Golovin deveria ter resolvido” e que “Golovin não poderia ter conseguido mais do que aquilo que tinha sido realmente atingiu nas circunstâncias em que decorreram as negociações diplomáticas em Nerchinsk”. Em particular, as disposições do tratado sobre a fronteira entre os dois países “criaram a maior oportunidade possível para a renovação das negociações sobre a determinação da fronteira”.<sup>61</sup> De acordo com este aspecto, *Encyclopaedia USSR* afirmou que “o Tratado de Nerchinsk foi uma grande vitória da diplomacia russa”.<sup>62</sup> *Outline of the history of USSR* também considera o Tratado de Nerchinsk “uma grande vitória para a Rússia, estabelecendo a propriedade russa da Sibéria Oriental e chegando a um acordo formal com o governo de Pequim, o que foi extremamente benéfico para a Rússia”.<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> Kabanov (translated by Jiang Yanzuo), *The Heilongjiang Problem*, Heilongjiang People's Publishing House, 1983, pp. 23-24.

<sup>62</sup> *Encyclopaedia USSR*, 2nd edition, vol. 29, Moscow, Russian edition, 1958, p. 488.

<sup>63</sup> *Outline of the history of USSR*, Moscow, Russian edition, 1958, p. 619.

## Conclusões

Em resumo, os jesuítas, entre os quais se destacou Tomás Pereira, tiveram um papel crucial na assinatura do Tratado de Nerchinsk. Como representante do lado chinês nas negociações, Tomás Pereira reforçou a confiança dos emissários chineses em momentos particularmente determinantes das negociações. No decurso destas, o lado chinês quis desistir várias vezes devido à sua falta de experiência nas negociações. Logo antes da primeira negociação, o lado chinês hesitou ao preparar-se para atravessar o rio para a primeira reunião oficial. Depois, aquando da tentativa russa de invadir a Yaksa, as negociações ficaram paralisadas. Foi Tomás Pereira que encorajou repetidamente e que trouxe a missão de volta às negociações, reforçando repetidamente a confiança do lado chinês, conduzindo-as ao sucesso.

O papel de Tomás Pereira foi determinante, em segundo lugar, pois ele conhecia, bem como os seus confrades jesuítas, o direito internacional e a forma de negociação diplomática. Os princípios do direito internacional foram os pré-requisitos e a base necessária para as negociações. Tal exigia que se estivesse familiarizado com o tipo de procedimentos diplomáticos de negociação, o que se traduzia na escolha de estratégias de negociação, tempo, lugar e composição do pessoal. Acresce que as negociações num território distante como Nerchinsk trazia em si dificuldades sérias para os representantes chineses. Por exemplo, o facto de a missão chinesa ter viajado para Nerchinsk causou à missão chinesa dificuldades objectivas no domínio do abastecimento, custos enormes, desgaste em viagem e a pressão psicológica que estas causaram. Os jesuítas ajudaram a missão chinesa em todos estes assuntos.

Em terceiro lugar, a influência de Tomás Pereira e dos jesuítas resultou das funções de tradutores, conselheiros diplomáticos e consultores por eles desempenhados. O papel dos jesuítas como intérpretes entre a Rússia e a China, e especialmente da China, foi enorme. As severas restrições impostas pela China aos estrangeiros que tentassem aprender chinês fez com que os jesuítas fossem um dos poucos grupos estrangeiros a dominar a língua. Ao mesmo tempo, a política chinesa da época também acabou por gerar um grave desconhecimento da realidade histórica-política e da própria língua dos países estrangeiros. Os chineses não tinham qualquer conhecimento de russo, o conhecimento do latim era também extremamente limitado. Embora a Rússia tivesse os seus próprios tradutores de latim, não sabiam nada de chinês. O mongol e o manchu, embora fossem pudessem servir temporariamente como línguas de comunicação entre os dois países, não se constituíam como os instrumentos

adequados para a assinatura de um tratado internacional alicerçado um forte sistema jurídico ocidental. Tendo em conta as tradições culturais da Rússia e da China, os jesuítas não foram apenas os tradutores ideais, como também desempenharam o papel de consultores e conselheiros diplomáticos.

Apesar da sua incompletude jurídica, o Tratado de Nerchinsk foi suficiente para excluir o uso da força como meio de resolução de questões políticas nas relações da Rússia com a China durante séculos. Os princípios estabelecidos neste tratado para a preservação da paz serviram tanto a Rússia como a China na sua política externa. O Tratado de Nerchinsk foi, assim, não apenas um marco na história do direito internacional, mas também uma base de entendimento estável ao longo dos séculos entre a China e a Rússia. Tal papel e significado têm sido reconhecido por diversos historiadores mundiais e, em particular, pelos académicos chineses e russos.

## Referências Bibliográficas

- ALEKSANDROV, V.A. *Russia on the Far Eastern Frontier (second half of the 17th century)*. 2nd ed. Khabarovsk: Khabarov. Kinzh. Izd-vo, 1984.
- BANTYSH-KAMNESKIY, N.N. *Diplomatic collection of affairs between the Russian and Chinese states from 1619 to 1792*. Kazan: Tip. Imperatorskogo universiteta, 1882.
- BASSIN, S.M. *Imperial Visions: Nationalist Imagination and Geographical Expansion in the Russian Far East, 1840-1865*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1999.
- CHEN, Li. 论传教士在汉语国际传播中的作用. 载青海社会科学, 2010.
- DEMIDOVA, N.F.; MYASNIKOV, V.S. *Russian-Chinese relations in the 17th century. 1686-1691. Materials and documents*. Moscovo: Nauta, 1972.
- FANG, Hao. 中国天主教史人物传(中) [M]. 北京: 中国人民大学出版社, 1994.
- FEI, Laizhi. 在华耶稣会士列传及书目 [M]. 北京: 中华书局, 1995.
- GU, Changsheng. 基督教与近代中国. 上海人民出版社, 第1版, 1981.
- GU, Weimin. 基督教与近代中国社会. 上海人民出版社, 1997.
- HE, Fang. 从档案看宁寿宫门窗玻璃的安装——兼论西方传教士双重身分的终结. 载故宫博物院院刊, 2011.
- HE, Guichun. 《中俄尼布楚条约》的签订与耶稣会士. 载福建师范大学学报哲学社会科学版, 1989.
- HU, Yihua. 简析明清之际传教士在中外文化交流中的作用. 载传承, 2010.
- HUANG, Dingtian. 早期中俄关系的珍贵史料——《十七世纪沙俄侵略黑龙江流域史资料》评介. 载中国边疆史地研究, 1994.
- IDES, I. *Notes on the Russian Embassy in China (1692-1695)*. Moscovo: Nauta, 1967.
- IVANOV, A. Conflicting Loyalties: Fugitives and “Traitors” in the Russo-Manchurian frontier, 1651-1689. *Journal of Early Modern History* 13: 333-58, 2009.
- KASHIK, O.I. Trade in Eastern Siberia in the 18th century. (according to the customs books of Nerchinsk, Irkutsk, Ilimsk). In: *Questions of the history of Siberia and the Far East*. Novosibirsk: [s.n.], 1961.
- LANTZEFF, G. V. *Siberia in the Seventeenth Century*. Berkeley & Los Angeles: The University of California Press, 1943.
- LATOURETTE, K. S. *A history of Christian missions in China*. Londres: Society for promoting Christian knowledge, 1929.
- LEIBNIZENS. 中国近事. 大象出版社, 2005.
- MANCALL, M. *Russia and China: Their Diplomatic Relations to 1728*. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 1971.
- NAYDENOV, N.A. *Siberian cities. Materials for their history of the 17th-18th centuries: Nerchinsk, Selenginsk, Yakutsk*. Moscovo: Tipografiya M. G. Volchaninova, 1886.
- NI, Junmin; SAN, Ying. 耶稣会士与《中俄尼布楚条约》. 载北方论丛, 1994.

- PERDUE, Peter C. Boundaries, Maps, and Movement: Chinese, Russian, and Mongolian Empires in Early Modern Central Eurasia [J], *The International History Review*, 1998, 20 (2).
- PEYREFITTE, A. *The Immobile Empire*, New York: Knopf, 1992.
- ROWBOTHAM, A. H. *Missionary and Mandarin: The Jesuits at the Court of China*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1942.
- SALDANHA, A. V.; WARDEGA, A. K. *In the Light and Shadow of an Emperor: Tomás Pereira, S. J. (1645-1708), the Kangxi Emperor and the Jesuit Mission in China*, Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2012.
- SCHWARTZ, H. *Tsars, Mandarins, and Commissars (A History of Chinese - Russian Relations)*. Philadelphia and New York: J. B. Lippincott Co., 1964.
- SEBES, J. *The Jesuits and the Sino-Russian Treaty of Nerchinsk: The Diary of Thomas Pereira, S. J.* Rome: Institutum Historicum S. I., 1961.
- SILIN, E.P. *Kyakhta in the 18th century: From the history of Russian-Chinese trade*. Irkutsk: Irkut. Obl. Izd-vo, 1947.
- SKACHKOV, P.E.; MYASNIKOV, V.S. *Russian-Chinese relations, 1689-1916. Official documents*. Vol. 2. Moscow: Izd-vo vost. lit, 1958.
- SPAFARIY, N.G. *A trip through Siberia to the borders of China*. Chita: Ekspres-izd-vo, 2009.
- STOLBERG, E. M. Interracial Outposts in Siberia: Nerchinsk, Kyakhta, and the Russo-Chinese Trade in the Seventeenth/Eighteenth Centuries. *Journal of Early Modern History* 4: 322-36, 2000.
- WU, Boya. 耶稣会士与尼布楚条约. 世界宗教研究, 1998.
- XIE, Henai. 中国与基督教. 上海古籍出版社, 2003.
- YAKOVLEVA, P.T. *First Russian-Chinese Treaty of 1689*. Moscow: USSR AS, 1958.
- YU Sanle. 徐日升、张诚与中俄《尼布楚条约》的签定. 载北京行政学院学报, 2000.
- YU, Shengwu, et al. 关于《中俄尼布楚条约》的几个问题. 见中国人民大学清史研究所编: 清史论文选集, 1979.
- ZHANG, Guogang. 明清传教士与欧洲汉学 [M]. 北京: 中国社会科学出版社, 2001.
- ZHAO, Kejin. 公共外交的理论与实践. 上海辞书出版社, 2007.